


N.º 3811

vol. 1





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VILLA RICA,

POEMA

DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

VILLA RICA,

POEMA

DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

ARCADE ULTRAMARINO,

com o nome de

GLAUCESTE SATURNIO,

*Offerecido ao Illm.º e Exm.º Sr. José Antonio Freire
de Andrada, Conde de Bobadella &c., &c.,
no anno de 1773.*



Dado á luz em obsequio ao

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

por um de seus Socios Correspondentes.

OURO-PRETO. ANNO DE 1839.

Ouro-Preto. 1839, Typ. do Universal.

Ultra Garamantos, et Indos proferebat imperium.

Virg. Æn. 6.

CARTA

DEDICATORIA.

Illm.^e e Exm.^e Sr.

Depois de haver escripto o meu poema da fundação de Villa-Rica, Capital das Minas-Geraes, minha patria, à quem o deveria eu dedicar mais, que à V. Ex.^a! Há muito, que ansiosamente solicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficos, que tenho recebido da Exm.^{ca} Casa de Bobadella: Este me persuado que o pode ser, senão pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade, que o lér, confessará ingenuamente, que não obrou a lisonja, aonde sobresahe a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclarissimos nomes de V. Ex., e do Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, seu digno Irmão, mas poder-se-ha conhecer ao mesmo passo, que me deo dilatadissimo campo um mercimento à todas as luzes selido, grande, e incontestavel.

Quem ignora que por quasi trinta annos descançarão com felicidade nas mãos dos Exm.^{os} Freires as Miuas do ouro do nosso Portugal? Quem não vio alegres os povos, satisfeito o monarcha, e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da justiça por todo este espaço do saudoso Governo d'aquelles Herocs? Podéra produzir muitas provas, se me não sobrasse por todas a mesma diuturnidade dos annos, que refiro. Parece que o Rei desejava fazer cternos na protecção destes vasallos, tão apartados do seu throno, aquelles espiritos, que tanto appetecia ter ao seu lado; Esta foi a maior significação de amor, com que distinguio aos moradores das Minas: E este o testemunho maior, com que qualificou o conceito, que formava dos Exm.^{os} Freires.

Devera agora arrebatarme na individual exposição de todas as virtudes de V. Ex., no elogio do seu esclarecido sangue, na protentosa serie das suas acções, tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisongêa por extremo, e me estimula tudo.

Levantára uma nova Epopeya que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcellos; mas que posso dizer, se conheço tão desigual o canto á vista do objecto, que concebo! O mundo me accusaria sempre de diminuto; e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço este obscquio. Sou

De V. Ex.^{ca} Humilde Servo.

Claudio Manoel da Costa.

PROLOGO.

Leitor. Eu te dou á ler uma memoria por escripto das virtudes de um heróe, que fôra digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar, que eu tenho produzido ao mundo um poema com o caracter de Épico, sei que esta felicidade não conseguirão até o presente aquelles homens, a quem a fama celebra laureados na Grecia, na Italia, em Inglaterra, em França, e nas Hespanhas. Todos se expozirão á censura dos criticos, e todos são arguidos de algum erro, ou defeitos: a razão pode ser a que assigna um bom author: inventárão leis, aonde as não havia. (a) Mas dou-te, que eu não te offereça mais, que uma composição em metro, para fazer ver o distincto merecimento de um general, que tão prudentemente pacificou um povo rebelde, que segurou a real authoridade, e que estabeleceu, e firmou entre as differentes emulações de uns, e outros Vassallos desunidos os interesses, que se devião aos soberanos Principes de Portugal: dirás, que é digna de reprehensão a minha empresa? Na verdade não espero de teu benigno animo esta correspondencia: e tudo o que não for injuria, ou accusação, será para mim uma inestimavel remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligencia por averiguar a verdade, digão-te as muitas ordens, e leis, que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de noticias tão individuaes, com que formei o plano desta obra: pode ser que algum as conteste, pelo que tem lido nos escriptores da historia da America; mas esses não tiverão tanto á mão as concludentes provas, de que eu me sirvo; não se familiarisarão tanto com os mesmos, que intervierão em algumas das acções, e casos accontecidos neste paiz; e ultimamente não nascerão nelle, nem communicarão por tantos annos, como eu.

E se estas Minas pelas riquezas, que tem derramado

(a) Voltaire: *Essay sur la Poesie Epique* pag. 334. 335.

por toda a Europa, e pelo muito, que soccorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as Nações polidas, são dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da patria, que me obrigou á tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor penna uma Terra, que constitue hoje a mais importante capitania dos dominios de Portugal.

Vale.

FUNDAMENTO HISTORICO.

Persuadido o author desta obra, de que não serão bastantes as notas, com que illustrou os seus cantos á instruir ao leitor da noticia mais perfeita do descobrimento das Minas Geraes, da sua povoação, e do augmento, a que tem chegado os seus pequenos Arrayaes, se resolveu a escrever esta prelição historica, em que protesta não pertender alterar a verdade á beneficio de alguma paixão, e só se regula pelo mais critico, e incontestavel exame, que por si, e por pessoas de conhecida intelligencia, e probidade pôde conseguir sobre factos, que ou a tradição conserva de memoria, ou escreveu raramente algum genio curioso, que o testemunhou de vista.

Entre os desta conducta deo um importante soccorro o coronel Bento Fernandes Furtado, natural da cidade de S. Paulo, que ha poucos annos faleceu no Serro-Frio, tendo sido morador no arraial de S. Caetano districto da cidade de Marianna.

Confiou elle do Author em sua vida alguns apontamentos, que fizera, e achando-os o author em muita parte dissonantes, do que havia lido na historia de Sebastião de Pitta Rocha, e outros escriptores das coisas da America, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das camaras, e secretarias dos governos das duas capitancias, S. Paulo, e Minas.

O Sargento mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural tambem da mesma cidade de S. Paulo, e alli morador, de estimavel engenho, e de completo merecimento, remetteu ao author desd'aquella cidade todos os documentos, que conduzirão ao bom discernimento desta obra, e regendo-se o author por ordens regias, cartas de governadores, attestações de prelados ecclesiasticos, e manuscriptos desd'a era de 1682, achados nos archivos, que forão dos padres decompañados da Companhia de Jezus naquella provincia, facilmente poderá desculpar-se, se offerece ao publico este poema, sem o receio de ser insultado nas opiniões, que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns, ou de outros sectarios.

Os naturaes da cidade de S. Paulo, que tem merecido a um grande numero de geographos antigos, e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu soberano, faltos de conhecimento, e respeito, que devem ás suas leis, são os que nesta America têm dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo pelo seu rei, pela sua patria, e pelo seu reino. (a)

A vigilancia com que attenção pela harmonia, e utilidade economica do seu paiz, os aconselhou muito antes, que a todo o Portugal á fazer sahir das suas terras os padres denominados da Companhia de Jezus: por sediciosos, e máos os poserao elles em um total exterminio no mez de julho de 1640, e por força de uma caridade indiscreta de Fernam Dias Paes contra o voto commum forão depois restituídos á S. Paulo no anno de 1653. (b)

Trabalharão incessantemente por adiantar os interesses do real erario; e se gloriao, de que fossen Carlos Pedroso da Silveira, e Bartholomeu Bueno de Sequeira os primeiros paulistas, que apresentarao as mostras do ouro das Minas Geraes ao governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande pelos annos de 1695.

Falecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteo a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada no Rio de Janeiro a 16 de junho do mesmo anno. (c)

Por este tempo se servio S. Magestade de despachar a Artur de Sá e Menezes por governador, e capitão general do Rio de Janeiro, e por carta regia de 16 de dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul á executar o que se havia encarregado á Antonio Paes de Sande, praticando com os paulistas benemeritos as mesmas honras, e merces de habitos, e foros de fidalgos da caza, conteudos na real instrucção, que pela secretaria de estado se expedira ao dito Sande. Depois por carta regia de

(a) Veja-se o que escrevem o Abbade Lambert na sua *História Univers. Civ. Natur. Política e Religiosa*. tom. 14 cap. 5.º pagin. 63, e seqq.

O Author do interesse das nações da Europa tom. 1.º cap. 4.º pag. 102, D. José Vaissete Religioso Benedictino na sua *Geograf. Historica. Eccles. e Civil* tom. 12 pagin. 216. E a este exemplo quasi todos os escriptores estrangeiros.

(b) O citada *Vaissete* pagin. 217 faz menção deste exterminio dos P. P. ibi — Les habitans ont fait difficulté pendant long-temps d'admettre parmi eux les Jesuites.

(c) Tudo se vê melhor na secretaria do conselho ultramarino no livro do registo das cartas do Rio de Janeiro anno 1673, nas fol. 160, e 163

27 de janeiro de 1697 se mandou sahir ao dito Sá com seiscentos mil reis de ajuda de custo em cada anno, alem do seu soldo.

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o author por mais certa, e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente, qual fosse o primeiro paulista, que descobriu as Minas Geraes, de que particularmente se trata nesta obra. E' sem controversia que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captiveiro dos indios, porque elles substituião a falta dos escravos, que ao depois entrãõ em grande numero das costas d' Africa. Desd' o estabelecimento daquella povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, d'onde derivou o nome, se deve presumir que giravão muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavão as Minas, sahindo em bandeiras, (que assim se chamavão as companhias que para esta diligencia se armavão) e recolhendo-se ao depois com a presa, que facilmente podião segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deo a uma aldêa sobre as costas do Rio Doce, que vá fazer barra á Capitania do Espirito Santo, e principia a formar-se desd' o correjo do Ouro-preto, recebendo em si immensos ribeiros, e rios candalosos. Destes Sertões se recolhiã na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão, natural da villa de Taboatê com mais cincoenta homens de sua comitiva. Chegado á capitania do Espirito Santo apresentou ao capitão-mór regente daquella villa tres oitavas de ouro: a camara os recebeu com agrado, e lhes suministrò os viveres, e vestuarios, de que carecião, segundo as ordens que de El-Rei tinha.

Deste ouro se mandarão fazer duas memorias, uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o capitão-mór; aqui se fundamenta o episodio do segundo canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem duvida a primeira, que se fez do ouro, que se descobriã nas Minas Geraes; e a de que se conserva memoria em S. Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circumstancias discorre o author ser posterior a ella. Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar na villa do Espirito Santo, a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e d'ahi para S. Paulo: nesta cidade ferido gravemente, dos trabalhos que passara, infernou, e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a

Bartholomeu Bueno seu cunhado de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartholomeu Bueno dotado de bastante agilidade, e fortaleza do espirito; como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si com o favor de alguns amigos e parentes a grande empresa, a que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixara o falecido, sahirão da villa de S. Paulo pelos annos de 1697. Romperão os mattos geraes, e servindo-lhes de norte o pico de algumas Serras, que erão os farões na penetração dos densissimos mattos, vierão estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava, serra que de Villa Rica dista pouco mais de oito legoas, ahi plantarão meio alquere de milho; e por que o sertão era mais esteril de caça, que o do Rio das Velhas, para este passou Bartholomeu a tropa, em quanto madurava a pequena sementeira, de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No anno seguinte que foi o de 1698 voltarão os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava forão encontrados do coronel Salvador Fernandes Furtado, e do capitão-mor Manoel Garcia Velho, e outros conquistadores tambem do Genticio, e povoadores das villas, que ficão ao Leste de S. Paulo; ja então trabalhavão com algum desembaraço os sertanistas ajudados de um grande numero de Indios, que havião captivado nos sertões do Cuyethé, e Rio Doce; mas como lhes obstava a falta de experiencia necessaria, e não tinham instrumentos de ferro para a laboriação, apenas se contentavão com o pouco que podião apurar em pequenos pratos de páo, ou de estanho, servindo-lhes os mesmos páos agussados de cavar a terra, e de descobrir os cascalhos, formações, em que se conserva, e se cria o ouro.

Quiz Miguel de Almeida, um dos companheiros do Bueno melhorar de armas, e propoz ao coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse nos da comitiva; acceitou o coronel a offerta, e dando-se busca ao ouro se não achou entre todos mais que dose oitavas; recebeu-as o coronel, e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com aquelle ouro em S. Paulo, cometteu ao coronel a venda de duas Indias mai, e filha a preço das dose oitavas; conveio este no trato, e compradas as Indias, as quaes cathequisadas

se baptisou uma com o nome de Aurora, e outra com o de Celia. Desta ultima ha noticia que falecera ha poucos annos na villa de Pitangui em casa de uma filha casada do dito coronel, e aqui tem fundamento historico o episodio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas de outros, partio ufano para S. Paulo o capitão-mór Manoel Garcia Velho; entrando na villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; • por que lhe não faltava habilidade, e ingenho para se conciliar com os patricios, houve a si as dose oitavas de ouro; com ellas se passou ao Rio de Janeiro; apresentou-as ao governador. como ja se disse, e foi premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taboaté.

Consequentemente o nomeou o mesmo governador por provedor dos quintos, concedendo-lhe as ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma villa, por ser ella a povoação, onde desembocavão primeiro os conquistadores. Por este modo se vê, que posto que Antonio Rodrigues Arzão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as tres oitavas de ouro que descobriu nas Minas Geraes; a sua morte impedio o progresso desta denunciação, e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro que elle não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira; e o estabelecimento da casa da fundição em Taboaté, forão os dous fortes estimulos; que animarão aos paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a patria, rompendo os mallos geraes desd' a grande serra do Lobo, que divide a capitania de S. Paulo até penetrarem o mais recondito das Minas, menos ja na conquista do Gentio, que na diligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavão as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da villa de S. Paulo, e os naturaes de Taboaté. fez que estendidos por varias partes, buscasse cada um novo descobrimento, em que se estabelecesse; não se contentando os paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras, que denunciavão os de Taboaté; nem estes nas que denunciavão os paulistas.

Esta opinião que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de differentes districtos, veio finalmente á produzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do ouro

do nosso Portugal, de serem penetradas de uns, e de outros; não se perdendo ao rio mais remoto, e caudaloso, nem á serra mais intratavel, e aspera: se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas, e serras, veio á conceber-se mais tarde, que dos rios, e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercão dos lados.

E porque não è intento do author cançar ao leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos, que tem a gloria de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas familias, e patria; e menos noticiar individualmente os rios, correços, e serras que por sua ordem se forão descobrindo, de que tudo tem uma veridica e sufficiente informação; só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quaes forão aquelles que derão ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se achão creadas a villa do Ouro-preto; a Cidade Marianna; a villa do Sabará; a do Caethé; a de S. João d'El-Rei; a de S. José e a do Principe no Serro do Frio; que fazem as cabeças das quatro comarcas da capitania de Minas Geraes.

Villa do Carmo, hoje Cidade Marianna.

1699.

Miguel Garcia natural de Taboaté foi o primeiro que deo ao manifesto um correço, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da Cidade Marianna; fez a repartição o guarda-mor Garcia Rodrigues Velho com assistencia do escrivão das datas o coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do Carmo descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, e o manifestou em 1700. Repartio-se; e por que as faisqueiras erao invenciveis pela grande frialdade das aguas, despenhadeiros, e matto cerradissimos que o cercavão de ambas as margens, tanto, que só permitia trabalhar-se dentro delle quatro horas do dia, alem da grande penuria dos mantimentos, que chegou a triata, e a quarenta oitavas o alquere de milho, e o de feijão a oitenta oitavas; foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação; e só permaneceu nella o coronel Salvador Fernandes Furtado: dista este ribeirão até a barra do Rio Doce 16 até 18 legoas, e pela volta do rio se computão 30. Está situada em 20 grãos e 21 minutos. Passou a ser villa por criação do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 8 de Abril de 1711.

Ouro-preto, ou Villa-rica.

O Ouro-preto que comprehende em si varios ribeiros e morros com diferentes denominações, como são Passadez, Bom-Successo, Ouro fino. ou bueno, &c. teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701 a Antonio Dias natural de Taboaté, ao Padre Joao de Faria Fialho natural da Ilha de S. Sebastiao, que viera por capellão das tropas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo que se aitiou nas Lavras, que ao depois vierão a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este ultimo primo do primeiro descobridor da Itaverava Bartolomeu Bueno: de todos estes tomarão nome alguns bairros de Villa Rica.

Foi creada villa pelo governador Albuquerque no dia 8 de julho de 1711, está situada em 20 grãos e 24 minutos ao Poente.

Sabarà.

Tendo sido atravessado o dilatadissimo sertão do Sabarà-Bussú muito antes de qualquer outro das Minas; porque os primeiros conquistadores demandavão o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas erão mais povoadas dos gentios e ferteis de caça, e às primeiras diligencias do ouro e pedras se fizeram ao norte de S. Paulo; consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras fôra o tenenté general Manoel de Borba Gatto natural de S. Paulo, de cuja historia se faz menção no Canto 3º. O descobrimento foi na era de 1700. Assistio á repartição o governador Artur de Sá e Menezes: passou Sabarà a ser villa em 17 de julho de 1711 por creação do governador Antonio de Albuquerque: a sua situação é em 19 grãos e 52 minutos.

Caethé, Villa da Rainha.

Entre o Sabarà, e o arraial de St. Barbara se creou a Villa Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome brasilico de Caethé, que val' o mesmo que *matto bravo* sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do sargento-mór Leonardo Nardes Paulista, e de uns fulanos Guerras naturaes da Villa de Santos: O governador D. Braz da Silveira lhe deo o foral de villa em 29 de janeiro de 1714 por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19 grãos e 55 minutos.

(VIII)

Rio das Mortes, Villa de S. João e S. José.

O Rio das Mortes que os paulistas e viandantes das mais partes atravessavão frequentemente por distar nos primeiros tempos do Ouro-preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinaria; foi descoberto por Thomé Portes d'El-Rei natural de Taboaté, passados muitos annos depois do descobrimento das primeiras povoações. Ahi se creou a villa de S. João d'El-Rei, ficando-lhe ao nascente a de S. José no lugar então chamado a Ponta do Morro: foi descobrimento de João de Siqueira Affonso natural de Taboaté. Forão creadas estas villas pelo governador D. Pedro de Almeida em 19 de janeiro de 1718. A villa de S. João está em 21 grãos e 20 minutos: S. José em 21 e 5 minutos.

Serro frio, Villa do Principe.

Antonio Soares natural de S. Paulo avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertões ao norte de S. Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado o do frio, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituray, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso; e intratavel: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro de Antiojo Soares. Neste descobrimento se associou um Antonio Rodriguez Arzaõ descendente do primeiro Arzaõ, de quem ja se deo noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e todo o genero de pedras estimaveis, são bem conhecidas por toda a Europa: nelle se estabeleceu o real contracto diamantino, que tem devido aos Serenissimos Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo. A capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de janeiro de 1714. Está situada em 18 grãos e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro comarcas, apenas se achará rio, correjo, ou serra, que não devesse aos paulistas o descobrimento das suas faisqueiras, e estes são os serviços com que se tem acreditado alem de muitos outros os naturaes da cidade de S. Paulo.

Digaõ agora os geographos que todos são mamelucos; arguaõ-lhes defeitos que nunca tiveraõ; sirva-lhes de injuria o haverem nascido entre aquellas montanhas; as almas é certo que não tem patria, nem berço, deve-se amar a virtude, aonde ella se achá: nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir só na Grecia os Alexandres, só em Roma os Scipiões.

Qui pur s'intende

Di gloria il nome, e la virtù s'onora

A L'Asscandri suoi L'Idaspè ancora.

O Abbade Pedro Methast. no Dram. de Alexandre?

Primeira divisão das comarcas.

Em 6 de abril de 1714 se fez a divisão das comarcas com assistência do sargento-mór engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do capitão-mór Pedro Frazão de Brito, e se assentou que a comarca de Villa Rica se dividisse d'alli em diante da de Villa-Real, indo pela estrada de Matto-dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro entre o sítio do capitão Antonio Ferreira Pinto, e do capitão Antonio Corrêa Sardinha, e faz barra no Ribeirão de S. Francisco, ficando a igreja das Cartas-altas para a Villa do Carmo, e pela parte da Itabira se fará divisão no mais alto morro della, e tudo o que pertence á aguas vertentes para a parte do Sul tocará á dita comarca de Villa-Rica, e para a parte do Norte tocará á comarca de Villa-Real. O ribeiro das Congonhas, junto do qual está um sítio chamado —Caza-branca—, servirá de divisão entre as comarcas de Villa-rica, e de S. João d'El Rei, devendo tocar á Villa-Rica tudo o que se comprehende até ella vindo do dito ribeirão para as Minas-Geraes; e do mesmo pertencerá á comarca de S. João d'El-Rei tudo o que vai até a villa do mesmo nome; a qual se dividirá com a Villa de Guaratiguitá pela Serra da Mantiqueira. Presidio a esta repartição o governador D. Braz Balthasar da Silveira; e assignaraq nella todos os procuradores das villas. *Consta do livro dos termos na secretaria do governo a fl. 36.*

Serie dos governadores.

Tornando á serie dos governadores, que ou entraram nas Minas, tendo annexas as capitánias de S. Paulo, e Rio de Janeiro; ou que particular, e separadamente as governarão, a que alludia o Author naquelle verso —Fernando, Arthur, e D. Rodrigo o morto— é sem duvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ella, succederão na administração das Minas Geraes todos os que se apontarão no Canto 9.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manoel de Borba Gatto, morador no Rio das Velhas a polvora, e o chumbo, e mais petreços, e ferramenta de sua laboriação para tornar ás Minas logo que recebesse as reaes ordens. Sahia D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais, ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns paulistas, como foram Mathias Cardozo, Domingos do Prado, João Saraivá de Moraes, Manoel Francisco pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado pai de Januário Cardoso, e varios outros, que tinham a pratica dos sertões das Minas.

Avisinhando-se D. Rodrigo ao Borbã no intento de querer passar ás minas das esmeraldas lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro: repugnou o Borbã a pretexto da espera, em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavaõ o fidalgo ir á força de pojar o Borbã do que pediaõ; pacificou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a consecuçãõ do negocio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudencia de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borbã, foi morto D. Rodrigo nessa occasiãõ por uns pagens, ou bastardos, que viviaõ aggregados a elle: a esta morte se seguiu salvar-se eagenhosamente o Borbã, affectando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em consequencia da fugida, em que para logo se poseraõ os paulistas acima nomeados, foraõ elles os primeiros que se entranharaõ pelo Rio de S. Francisco; e povoaraõ, e encherãõ de gados as suas margens, de que hoje se sustenta o grande corpo das Minas-Geraes; nem mais quiseraõ voltar para a patria, envergonhados do engano em que haviaõ cahido.

Temeroso o Borbã de que o buscassem as justiças, e que sobre a sua prisãõ fizesse El-Rei as maiores diligencias, se metteu nos sertões do Rio Doce com alguns indios domesticos da sua comitiva: ahi viveo varios annos respeitado por Cacique sem mais lei, ou civilidade, que aquella, que podia permittir uma communicaçãõ entre barbaros.

Estimulado com tudo dos remorsos da consciencia cuidou em mandar dous indios praticos a S. Paulo a tomar alguma intelligencia dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime: estes lhe facilitaraõ o accesso ao governador Arthur de Sá e Menezes recentemente chegado áquella capitania; falou-lhe Arthur de Sá com affabilidade, e lhe prometeu o perdãõ em nome d'El-Rei, com tanto, que elle fizesse certo o descobrimento que denunciava do Rio das Velhas.

Bem se pode considerar o estado em que se achariaõ as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo, e a liberdade dos facinorosos punhaõ, e revogavaõ as leis a seu arbitrio. O interesse regia as ações, e só se cuidava em avultar em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma acquisiçãõ inocente. A soberba, a lascivia, a ambiçãõ, o orgulho, e o atrevimento tinhaõ chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorrido de muitos parentes, e amigos, acompanhou a Arthur de Sá, chegou ao Rio das Velhas, deo ao manifesto este descobrimento, e se fez digno pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiava com a patente de tenente general de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Arthur de Sá no Rio das Velhas, lavrado o mais facil d'aquelles ribeiros, se retirou outra vez para S. Paulo; substituindo-lhe uma especie de jurisdicção no civil, e no crime o mestre de campo dos Auxiliares Domingos da Silva Bueno, guarda-mor das repartições das terras, e das mineraes creado pelo mesmo governador.

Com a ausencia de Arthur de Sá, como corpo sem cabeça, tornarão as Minas á mesma desordem: as distancias das quatro comarcas já penetradas, e cheias de um grande numero de povoadores de diferentes capitancias, que tinhão entrado, difficultavão as providencias de um só homem, em quem ainda não acabavão de reconhêcer os povos a jurisdicção, de que estava encarregado.

Por este tempo se começarão á suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal; que elles denominavão *Buabas*. Dous religiosos, cujos nomes, e religiões se não declararão por se evitar o escandalo, fomentarão todo o calor desta desunião. Vivião elles na liberdade, que permittia o paiz, e á impulsos de uma desordenada ambição atravessarão com trez arrobas de ouro o fumo, e a caxassa, ou agoardente da terra, para a venderem monopoliadamente pelo mais alto preço. Quiserão logo praticar o mesmo com as carnes dos gados, e encontrando a opposição dos paulistas, resolverão acabar com elles, expellindo-os de uma vez das Minas, que elles havião conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas familias e fabricas.

Sucedendó uns factos a outros, e tomando corpo a emulação conseguirão os europeos a expulsão e despejo dos paulistas pelos annos de 1709 para 1710, regendo-os nesta acção os dous chefes Manoel Nunes Vianna, com o character de governador, com que o decoravão os seus, e Antonio Francisco com o de mestre de campo por nomeação do mesmo Vianna.

Quaes fossem estes dous homens, o dão a conhecer as notas, que se ajuntarão ao Canto 5.º, e 6.º; e posto que pelo que respeita à Vianna se citasse só o testemunho do conde de Assumar em uma carta resistada no Livro n.º 7 da secretaria do governo das Minas Geraes; no mesmo livro se

encontrão infinitas; que accusa as intrigas, sublevações, e desordens; que elle continuava a maquirar nos districtos, onde de vivia; do Rio das Velhas, as quaes por brevidade se não transcrevem.

Quanto á Antonio Francisco, o mesmo conde dá um testimonho do seu character na carta escripta ao doutor Valerio da Costa Gouvêa, ouvidor da comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de Março de 1718 paginas 22 e 23: nella se leem estas palavras.—

Eu não sei, se expliquei bem, quando fallava a V. M.^{cc} na minha antecedente no exterminio deste homem, por que se queria saber de V. M.^{cc} o partido, com que ali me achava, era julgando ser precisa a prizão; por que bem sabia eu que os perturbadores, e sediciosos não só podião, mas devião ser expulsados; a difficuldade só, que se me offerencia, era no modo de o fazer; por que a desgraça deste paiz é tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem, é aquelles, que se não prendem, para se soltarem.—

Fazendo porem justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquelle tempo, tinha melhor indole, que todos o supposto governador Manoel Nunes Vianna: não consta que comettesse por si, ou por algum de seus confidentes positivamente alguma acção nociva ao proximo: desejava reger com igualdade o desordenado corpo, que se lhe ajuntara; acolhia afavelmente a uns, e a outros; soccorria-os com os seus cabedacs; apasiguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudencia; ardia porem por ser governador das Minas; e se tivesse letras, se podia dizer que trazia em lembrança a maxima de Cezar—*Si violandum est, jus, regnandi, gratia violandum est.*

Este projecto lhe desordenava a serenidade do animo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daquelles, a quem era devedor do mesmo lugar, que occupava: sobre este artigo é que o Author o accusa nesta obra; sendo certo que a obediencia aos soberanos se deve tributar sem algum rebuço; e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel vassallo.

Atormentavaõ os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordens, em que estavaõ as Minas, e querendo pessoalmente socega-las, marchou para ellas desde o Rio de Janeiro no mez de Junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com intento de passar ao Ouro preto, aonde residiaõ principalmente os chefes dos levantados: offerreceraõ-se-lhe alguns paulistas, e filhos de Portugal mais bem

intencionados para o acompanharem nesta deligencia; elle porem não consentio no obsequio, por evitar assim algum ruido maior entre os sublevados; não cessarão com tudo elles de fazer espalhar a noticia, de que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros instrumentos de ferro para punir aos cúmplices do levantamento, e conspiração contra os paulistas.

Derramada esta voz pelas Gerões, se dispoz Manoel Nunes Vianna á disputar-lhe a entrada; armou em tom de politica, e cortejó um grande numero de homens a cavallo, e repartio ordens por todos os districtos circunvizinhos ad Ouro-preto; que com pena de morte se apromptassem aquelles moradores para uma deligencia. Chegava D. Fernando ao arraial das Congonhas, distante oito leguas de Villa Rica; quando os que acompanhavão a Vianna avistando de longe ao governador, clamarão em altas vozes — Viva o nosso general Manoel Nunes Vianna, e morra D. Fernando; se não quizer voltar para o Rio de Janeiro.

Alguns se querem persuadir que Manoel Nunes Vianna entrara violentado nesta acção, e elle se pertendeu escuzado do conceito de rebelde, e sublevado, passando occultamente na noite seguinte á fallar com D. Fernando, protestando-lhe estar prompto para entregar o governõ quanto á sua parte; e de tudo isto lhe pediu por escripto uma attestação.

Assustou-se o governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederão-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do beneficio; porque sem muita demora deo as costas ás Minas, e voltou para S. Paulo: ahi trabalhava anciozamente em se reforçar com os paulistas, para vir sobre os levantados, fazendo commum a afronta delles; e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio, e Bahia, e juntos por uma parte, e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando o governador, e capitãõ general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho por patente datada em Lisboa em 23 de Novembro de 1709.

Sem perda de tempo se poz em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nellas desfarçado como qualquer particular, buscou o arraial do Caethé á avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguilár, filho da Bahia, homem rico, e poderoso, de conhecido valor, e espirito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manoel Nunes Vianna, e todos os seus parciaes pelas injustiças, e violencias, que praticavão, especialmente com os filhos do Brasil de

qualquer província, á quem tinha transcendido o ódio conciliado contra os paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguilár escrevera á S. Paulo á D. Fernando Martins de Mascarenhas, offerendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha já adquirido; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque á buscar na sua entrada aquelle districto do Caethe, hoje — Villa Nova da Rainha.

Na passagem, que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antonio Francisco o capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: cumprimentarão-se sem algum susto, por ter servido o dito Antonio Francisco de soldado na praça da Colonia na companhia do mesmo capitão. Este lhe deu a noticia de haver entrado já nas Minas o governador, e o capacitou com fortes persuasões, á que o buscassem, e se lançassem á seus pés os chefes dos levantados, se querião melhorar de semblante na sua cauza.

A perturbação, em que se via posto o governador Vianna, combatido pela parcialidade avultada de Sebastião Pereira de Aguilár, e os ameaços de um formidavel castigo, que por ordem de El-Rei acabava de insinuar o capitão José de Souza, obrigarao a Manoel Nunes Vianna, a Antonio Francisco, e a muitos outros cabeças do levantamento á partirem sem demora para o arraial do Caethe: ahi se achava hospedado o governador em casa de uns tres irmãos, naturaes tambem da Bahia, que erao José de Miranda Pereira, Antonio de Miranda Pereira, e Miguel Alves Pereira, talvez parentes, ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilár.

Prostrarão-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculparão, quanto lhe foi possível, os seus crimes: o governador os recebeu affavelmente, não querendo uzar do poder, e das ordens, de que vinha fortalecido: segurou á todos o perdão pela emenda, que dessem á conhecer para o futuro; e não tardou á capacitar a Manoel Nunes, e Antonio Francisco, que não convinha a assistencia delles nas Minas Geraes, por socegar de uma vez o tamulto dos povos.

Retirarão-se com este conselho os dous para as fazendas, que tinham nos sertões: socego o povo com a ausencia dos patronos, e proseguio Albuquerque na creação das villas, e estabelecimento da capitania. Bem é de ver, quanto suor, e fadigas empregaria o prudente general em segurar o fim de uma tão escabrosa, como interessante empresa. Foi elle o primeiro, que susteve com desembaraço as rodéas do governo; que pizou as Minas com lusimento.

e firmeza do caracter, em que El-Rei o pôzera; que promulgou as leis do soberano, e fez respeitar neste continente o seu nome.

Esta a heroicidade, que lhe considera o Authór; por virtude da qual o contempla digno do elogio, com que honra Soliz ao seu Cortez.

Admiravel Conquista, e sempre illustre
Capitão d'aquelles, que vagarosamente
Produzem os seculos, e de quem ha raros
Exemplos na Historia!

A' Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeo D. Braz Balthazar da Silveira, o qual tomou posse na Commarca de S. Paulo em 1713, e passou para as Minas no fim de Setembro do dito anno.

A' este succedeo em 1717 o Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em Setembro do dito anno. Foi o seu governo bastantemente criticó por encontrar a opposição dos povos na creação das cazas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados, e sublevaçoes, principalmente os de Pitangui fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter á Marianna em 28 de Junho do anno de 1720: aqui se lhe fez preciso prender a uns, e castigar a outros com a ultima' pena.

Estes procedimentos lhe adquirirão o nome de tyrano nas Minas; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exemplar castigo acabou de aterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde, e segurou de uma vez a real authoridade,

*Quod si non alium venturo fata Neronti
Invenere viam, magnisque æterna parantur
Regna Deis, cœlumque suo servire Tonanti
Non nisi sævorum potuit post bella Gygantum.
Jam nihil, ò Superi, querimur scelera ista, nefasque
Hac mercede placent.*

Lucan. Pharsal. tit. 1.º vers. 33.

Durou o governo do conde de Assumar até o anno de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro governador positivo das Minas; por que nelle se separou a capitania de S. Paulo em governo á parte, ficando os Geraes respectivos só com sujeição aos Vice-Reis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz

de Nossa Senhora do Pilar do Ouro-preto com assistencia da Camara em 18 de Agosto de 1721.

A' D. Lourenço de Almeida succedeo o conde das Galvêas Andre de Mello e Castro, que tomou posse no 1.º de Setembro de 1732 na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deo posse á Gomes Freire de Andrada em 26 de Março de 1735.

Mediarão alguns governos interinos, como for o de Martinho de Mendonça Pinã e Mello na ida, que fez o dito conde de Bobadella ao Rio de Janeiro em 15 de Março de 1736: foi outra vez levantado o pleito de homenagem em 26 de Dezembro de 1737.

Pelos tempos, em que se deteve no Urugay com a real commissão do tratado de limites, substituiu seu Irmão José Antonio Freire de Andrada, conde actual de Bobadella o governo das Minas. Igualmente faleceo no 1.º de Janeiro de 1763; se praticou a via de successão no exm. bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e nos mais chamados por ella; até que no anno de 1763 em 28 de Dezembro entrou no governo o General Luiz Diogo Lôbo da Silva.

Este Governador enchendo de merecimentos os dias de seu governo, deo posse ao Exm. conde de Valladares em 16 de Julho de 1768.

Descobrimto das esmeraldas, de que se faz menção no Canto 8.º

Dá o Author uma idéa deste descobrimto conforme o que leo em um poema manuscripto de Diogo Grasson Tinoco feito no anno de 1689; e mostra, quanto trabalhôu nesta empreza Fernão Dias Paes, natural de S. Paulo.

A 27 de Setembro de 1664 cometteo o Senhor rei D. Affonso 6.º á Agostinho Barbalho a empreza do descobrimto das esmeraldas, facilitando lhe o fim deste negocio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo, e capacidade já era bem conhecida naquella corte, na qual lhe ordenava, desse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se pode colligir da presteza, com que satisfez as primeiras ordens, que nella se continhão, e bem o refere Diogo Grasson na 8.ª 27 do seu panckerico ao mesmo Fernão Dias.

(XVII)

*Lendo-a Fernando, achou que El-rei mandava
Dar-lhe ajuda, e favor para esta empreza,
E em juntar mantimentos se empenhava.
Com zelo liberal, rara grandeza;
Mas por que exhausta a terra então se achava,
E convinha o soccorro ir com presteza,
Mandou-lhe cem negros carregados
A' custa de seus bens, e seus cuidados.*

Depois de passados alguns annos, tempo, em que já estava no throno o senhor D. Pedro II sabendo Fernão Dias, que com a morte de Agostinho Barbalho não tiverão effeito as ordens, que trouxera, se quiz encárregar voluntariamente da execução dellas, escrevendo primeiro á Affonso Furtado de Mendonça, governador, que era então daquelles estados, e tinha a sua residencia na Bahia, offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens: mandou-lhe Affonso Furtado uma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de Abril de 1672. Nôs principios do anno de 1673 se poz Fernão Dias em marcha com varios parentes, e amigos seus, demandando a altura, em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja deligencia soffreo trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na 8.^a 35.

*Parte enfim para os serros pretendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca uzados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balias, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, valles, rios.*

Desta sorte chegou á paragem chamada pelos naturaes *Anhonhecanhura*, que quer dizer, *agoa, que se somc*, e entre nós tem o nome de *sumidor*. Aqui se deteve Fernando por espaço de quatro annos com pouca differença; e fez varias entradas no *Sobra Bussú*, que val o mesmo, que *couza felpuda*, e é uma serra de altura desmarcada, que está visinha ao *sumidouro*, a qual chamão todos hoje comarca do Sabará. Nella achou diversa qualidade de pedras, que por falta de pratica se-lhes não soube dar o valor, de que talvez erao dignas. Da demora, que aqui teve Fernando, e do muito, que aqui soffreo, teve origem a discordia entre muitos dos seus companheiros, pois quasi todos conspiravão contra a sua vida, e ~~por fim~~ o deixarão só.

Vendo-se Fernando neste desamparo, não esmorece, antes entra á cuidar na brevidade da sua derróta, com animo de buscar a indireitura chamada *Rupabussú*, que soa na nossa lingua *Lago grande*, e junto deste é, que suppunhão os socavões das esmeraldas. Achava-se Fernando falto do necessario para adiantar o giro desta expedição. Escreve a patria, e ordena a mulher, não se lhe negue couza alguma, do que lhe pede. Assim o diz a 8.ª quarta do seu elogio.

*Isto supposto, já para a jornada
Manda á patria buscar, quanto á seu cargo
Incumbe, pois que a fabrica guiada
Destruida se vê do tempo largo,
Determina á fiel consorte amada,
Que á nada, do que pede, ponha embargo,
Inda que sejam por tal fim vendidas
Das filhinhas as joias mais queridas.*

Com effeito chegou o postilhão, e trouxe consigo, o que Fernando pedia. Pozerão-se á caminho, e forão discorrendo por uma dilatada montanha, até que chegarão á *Tucambira*, que quer dizer, *papo de Tocano*, e deixando todo este espaço avassalado, partirão para a *Itamirindiba*, que é muito fertil de peixe, e significa propriamente *pedra pequenina*, e *buliçoza*. Aqui pararão por algum tempo, e se proverão de forma, que lhes não fosse damnoza qualquer invazão do genio: ultimamente buscarão o rumo do Norte, até que depois de atravessarem uma parte dos sertões, chegarão as agoas do *Vupabussú*.

Aqui cuidou Fernando logo em expedir com bastardos dos que trazia, á fim de examinar a formalidade das terras circumvisinhas á este lago, à ver, se achavão alguma lingua, que os informasse melhor, do que buscavão. Na verdade não se frustrou de todo esta diligencia; por que sobre o cume de uma montanha vendo os bastardos muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investirão a ella, e apenas segurárão um, que, sendo trazido á presença de Fernando, mandou este que com toda a humanidade foi tratado entre os seus. Era elle de um animo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitava 61.

*Era o Silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecêra o vão reccio:
Pintado de urucá vinha pomposo,*

(XIX)

*E o labio baixo rôto pelo meio ,
Com tres penas de arara laureado ,
De fiéchas , de arco , e de garrôte armado .*

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azevedo junto á um serro , que corre do Norte para o Sul. Mas quanto não custou a Fernando este descobrimento? Trabalhou sete annos nesta empreza. Foi-lhe preciso romper por todas as resoluções dos seus , que só o aconselhavão , se retirasse para *Itamirindiba* , e deixasse para melhor tempo o descobrimento pertendido , certificando-o , de que os mattos circumvisinhos a *Vupabussú* exhalavão de si um halito pestilente , e que toda a sua demora alli não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar um filho seu bastardo , que mais estimava , por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou enfim á ver , o que tanto desejava , e fazendo-se na volta de S. Paulo , d'onde era natural , não quiz o Céu que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu soberano o testemunho do seu zelo , e da sua lealdade. Morreo junto ao *Guayachy* , que entre nós val o mesmo que rio das velhas. Isto é tudo , quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas , sem que possamos affirmar o rumo , altura , e os grãos certos , em que serão descobertas estas pedras.

VILLA RICA,

POEMA

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Canto primeiro:

Cantemos, Muza, a fundação primeira (1)
Da Capital das Minas; onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda a memoria,
Que enche de applauso de Albuquerque a historia.

Tu, patrio ribeirão, que em outra idade
Dêste assumpto (2) á meu verso, na igualdade
De um epico transporte, hoje me inspira
Mais digno influxo; por que entõe a lira;
Porque leve o meu canto ao clima estranho
O claro heróe, que sigo, e que acompanho:
Faze visinho ao Tejo, enfim que eu veja
Gheias as Nynfas de amoreza inveja.

E vós, honra da patria, gloria bella
Da caza, e do solar de Bobadella,
Conde feliz, em cujo illustre peito
De alta virtude respirando o effeito,
O Irmão defunto (3) reviver admiro:
Affavel permitti, que eu tente o giro
Das minhas azas pela gloria vossa,
E entre a serie dos heróes louvar-vos possa.

Rottos os mares, e o commercio aberto,
Já de America o genio descoberto
Tinha ao rei lusitano as grandes terras, (4)
Que o sul rodeia de escabrosas serras.

O titulo contavão de cidades,
Pernambuco, Bahia, e as crueldades
Dos indios superadas: já se via

O Rio de Janeiro, que fazia
 Escala ás náos: buscando o continente
 De Paulo, (5) uma conquista está patente.
 Que aos portuguezes com feliz agouro
 Promettia o diamante, a prata, o ouro.

O arbitrio de um só braço (6) moderava
 Toda a capitania; e projectava
 Albuquerque, que a gente ao sceptro alista,
 Fazer mais dilatada esta conquista.

Da noticia de alguns tinha alcançado,
 (E muito mais na idéa está gravado
 O profetico annuncio) que faria
 Grande serviço ao rei, se a serrania
 Vencesse, e além passasse, e visse a testa
 Do soberbo Itamonte (7): manifesta
 A estrella se lhe mostra, e um genio esperto (8)
 O guia a ver da empreza um fim mais certo.

Tornando á margem de um soberbo rio (9)
 Já se alojava o heróe, e do sombrio
 Amparo de umas arvores, em quanto
 Vagava a comitiva, ao doce encanto
 Do murmurio das agoas, e do vento
 Dando aos membros suave acolhimento
 O leve somno lhe deitava as azas.
 Tecia debil canna as molles cazas,
 Em que apenas descansa algum rendido
 Da fatigada marcha; allí ferido
 De uma estranha paixão, que n'alma alenta
 Ao lado está do general; sustenta
 O brioso Garcia (10) o officio inteiro
 De subdito, de amigo, e companheiro.

Rende-se ao somno o heróe; e ao anhelante
 Pulsar do peito, observa o vigifante
 Mancebo, que o combate afflicta lucta
 No horror da fantazia (11); um ai lhe escuta,
 Que ancioso respira; outro mais vivo
 Lhe percebe no assalto successivo;
 E ao ver, que estende duramente os braços,
 Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços
 Do funesto lethargo: ai! charo amigo
 (Lhe diz o heróe) não temas, eu prosigo,
 Se é, que o espanto, e o terror, que n'alma provo,
 Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante, ai de mim, ou fosse imagem,
 Que ha muito me opprimia, ou que a passagem
 Deste rio me offereça agouro triste;
 Eu vi; (eu inda o vejo. inda me assiste
 Presente aos olhos o medonho objecto!)
 Eu vi, que me apartava do projecto
 De penetrar estes sertões escuros
 O grande Dom Rodrigo (12); dos seguros
 Hombros, de que pendera a grave espada,
 Rasga o vestido, e mostra inda manchada
 A carne das feridas, de que o sangue
 Correr se via; eu tremo, e quasi exangue
 Desmaio á tanta vista: elle se avança,
 Da mão me prende. e diz: em vão se cañsa,
 Em vão o vosso rei, se ver pertende.
 Subjugado este povo, que defende
 Com o barbaro zelo as patrias Minas.
 Debalde tú tambem hoje imaginas
 Chegar ao centro dellas: eu contemplo
 Mil perigos na empreza: fresco exemplo
 Te dá a minha morte; só te espera
 De genios brutos pertinacia fera;
 Falta de fé, traições, crimes atrozes,
 Só teras de encontrar; se as minhas vozes
 Teu credito merecem; deixa, evita
 A infame estrada.... nisto ao ver. que grita
 Mais forte, e mais medonha a sombra, tremo,
 Pasmado, e me assusto, me horroriso, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)
 A gloria não se alcança, não se adorna
 Do loiro da virtude, o que se nega
 A's arduas deligenciãs; sci, que chega
 Vosso zelo, e valor ao termo, aonde
 Tudo o que é grande, apenas corresponde
 Ao meditado arrojo; mas passado
 E' talvez o peor; e já lembrado
 Posso esperar, que o mal encha algum dia
 Os corações, e as almas de alegria.
 Temos dobrado a grande serra; temos
 Rompido os matos; onde ver podemos
 As feras, e o gentio, que a brenha occulta,
 Girar per entre nós: a alma insepulta
 Do morto general á nós nos deva
 Vencer do esquecimento a escura treva;
 Busque se o seu cadaver: e entre os nossos

VILLA RICA,

POEMA

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Canto primeiro.

Cantemos, Muza, a fundação primeira (1)
Da Capital das Minas; onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda a memoria,
Que enche de applauso de Albuquerque a historia.

Tu, patrio ribeirão, que em outra idade
Déste assumpto (2) á meu verso, na igualdade
De um epico transporte, hoje me inspira
Mais digno influxo; por que entõe a lira;
Porque leve o meu canto ao clima estranho
O claro heróe, que sigo, e que acompanho:
Faze visinho ao Tejo, enfim que eu veja
Cheias as Nynfas de amoreza inveja.

E vós, honra da patria, glória bella
Da eaza, e do solar de Bobadella,
Conde feliz, em enjo illustre peito
De alta virtude respirando o effeito,
O Irmão defunto (3) reviver admiro:
Affável permitti, que eu tente o giro
Das minhas azas pela gloria vossa,
E entre a serie dos heróes louvar-vos possa.

Rottos os mares, e o commercio aberto
Já de America o genio descoberto
Tinha ao rei lusitano as grandes terras, (4)
Que o sul rodeia de escabrosas serras.

O titulo contavão de cidades,
Pernambuco, Bahia, e as crueldades
Dos indios superadas; já se via

O Rio de Janeiro, que fazia
 Escala ás náos: buscando o continente
 De Paulo, (5) uma conquista está patente,
 Que aos portuguezes com feliz agouro
 Promettia o diamante, a prata, o ouro.

O arbitrio de um só braço (6) moderava
 Toda a capitania; e projectava
 Albuquerque, que a gente ao sceptro alista
 Fazer mais dilatada esta conquista.

Da noticia de alguns tinha alcançado,
 (E muito mais na idéa está gravado
 O profetico annuncio) que faria
 Grande serviço ao rei, se a serrania
 Vencesse, e além passasse, e visse a testa
 Do soberbo Itamonte (7): manifesta
 A estrella se lhe mostra; e um genio esperto (8)
 O guia a ver da empreza um fim mais certo.

Tornando á margem de um soberbo rio (9)
 Já se alojava o heróe, e do sombrio
 Amparo de umas arvores, em quanto
 Vagava a comitiva, ao doce encanto
 Do murmurio das agoás, e do vento
 Dando aos membros suave acolhimento
 O leve somno lhe deitava as azas.
 Tecia debil canna as molles cazas,
 Em que apenas descança algum rendido
 Da fatigada marcha; alli ferido
 De uma estranha paixão, que n'alma alenta
 Ao lado está do general; sustenta
 O brioso Garcia (10) o officio inteiro
 De subdito, de amigo, e companheiro.

Rende-se ao somno o heróe, e ao anhelante
 Pulsar do peito, observa o vigilante
 Mancoço, que o combate afflicta lucta
 No horror da fantazia (11); um ai lhe escuta,
 Que ancioso respira; outro mais vivo
 Lhe percebe no assalto successivo;
 E ao ver, que estende duramente os braços,
 Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços
 Do funesto lethargo: ai! charo amigo,
 (Lhe diz o heróe) não temas, eu prosigo,
 Se é, que o espanto, e o terror, que n'alma provo,
 Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante, ai de mim, ou fosse imagem,
 Que ha muito me opprimia, ou que a passagem
 Deste rio me offereça agouro triste ;
 Eu vi ; (eu inda o vejo , inda me assiste
 Presente aos olhos o medonho objecto !)
 Eu vi , que me apartava do projecto
 De penetrar estes sertões escuros
 O grande Dom Rodrigo (12) ; dos seguros
 Hombros, de que pendera a grave espada,
 Rasga o vestido, e mostra inda manchada
 A carne das feridas, de que o sangue
 Correr se via ; eu tremo, e quasi exangue
 Desmaio á tanta vista : elle se avança,
 Da mão me prende, e diz : em vão se causa,
 Em vão o vosso rei, se ver pretende
 Subjugado este povo . que defende
 Com o barbaro zelo as patrias Minas.
 Debalde tú tambem hoje imaginas
 Chegar ao centro dellas : eu contemplo
 Mil perigos na empreza : fresco exemplo
 Te dá a minha morte ; só te espera
 De genios brutos pertinacia fera ;
 Falta de fé, traições, crimes atrozos,
 Só teras de encontrar ; se as minhas vozes
 Teu credito merecem ; deixa evita
 A infame estrada.... nisto ao ver que grita
 Mais forte, e mais medonha a sombra, tremo,
 Pasma, e me assusto, me horroriso, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)
 A gloria não se alcança, não se adorna
 Do loiro da virtude, o que se nega
 A's arduas deligenciás ; sei, que chega
 Vosso zelo, e valor ao termo, aonde
 Tudo o que é grande, apenas corresponde
 Ao meditado arrojio ; mas passado
 E' talvez o peor ; e já lembrado
 Posso esperar, que o mal encha algum dia
 Os corações, e as almas de alegria.
 Temos dobrado a grande serra ; temos
 Rompido os mattos ; onde ver podemos
 As feras, e o gentio, que a brenha occulta,
 Girar por entre nós : a alma insepulta
 Do morto general á nós nos deva
 Vencer do esquecimento a escura treva ;
 Busque-se o seu cadaver, e entre os nossos

Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva
 Desd'o visinho monte, viva, viva,
 Bradava em altas vozes; cresce o espanto;
 Ambos se admirão, de alarido tanto
 A cauza buscão; pouco tempo tarda
 Em recolher-se a dividida guarda,
 Com salvas, e com vivas festejando
 A preza, que já vem apresentando.

Tres Indias são, que do Pory (13) robusto
 Em resto escapao; todo o corpo adusto
 Mostra, que o sol sobre a nudez queimára,
 E que a ingenita cor de branca, e clara
 Tornou um pouco escura; a longa idade
 A' todas tres enrugou a mocidade;
 Curvos os hombros; poucas cans, os braços
 Marchos, e descarnados, mal os passos
 Regem tremendo; breve arriaõ fazem
 De tintos páos, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a tã na morada escura
 Do negro Rhodamanto, outra figura
 Não inculeára mais enorme, e triste
 O termo horrendo, que aos mortaes assiste.

Conta Camargo, que ao visinho monte
 Subira com os seus, e que de ponte
 Um madeiro, que o tempo derribára,
 Lhe servira, e por alem passára;
 Que desd'alli por entre as brenhas via
 Uma pequena aldã, á quem fazia
 Baixa, e comprida chossa a cobertura
 Aos queimados Tapuyas, desd'a altura
 Do monte desparou por metter medo
 Um tiro de espingarda; nenhum quedo
 Se deixa então ficar: todos se apressão;
 Fogem, nem mais as flechas se arremessão.

Desamparado o sitio humilde, e pobre,
 Desce ao terreno, e as Indias tres descobre,
 Que de opprimidas dos cansados annos
 Não poderão fugir, temendo os damnos,
 Que dos antigos pais ouvida tinhão.

Variamente uns, e outros se entretinhão
 Em contar o successo; e já notava
 Garcia, que nas Indias se firmava,
 Que uma dellas com gesto mais sereno

Punha nelle os seus olhos; por acêdo
 Observa mais, que explica, que o conhece,
 Da lingua portugueza lhe parece
 Que entende; e mais se assombra o bom Garcia
 Ao ver - como em um dedo ella prendia
 Uma memoria de ouro; a joia observa;
 Cala-se, e á melhor tempo o mais reserva;
 Exprimindo em um ai, que d'alma exhala
 O mais, que por então sepulta, e cala.

Recolhidos á um tempo os companheiros
 Junto aos troncos, nas grutas dos oiteiros
 Se armão ás mezas; de viandas servem
 A mortas caças, que nos cóbres fervem,
 As aves, que do chumbo o globo estreito
 Ferio nas azas, e rompeo o peito;
 O veado, a que o indio na carreira
 Seguiu, e a setta disparou ligeira;
 Não falta o loiro mel da abelha astuta,
 O grêlo da palmeira, e a tosca fruta,
 Que alguma arvore brota alli nascida
 Por menos venenosa conhecida;
 Em quanto os brutos animaes a comem:
 (Tanto dos brutos aprêndêra o homem!)

Tornando ás praias da iufeliz Carthago
 O triste resto do troiano estrago,
 Tal se consola na fatal ruina,
 Que pôde a muza celebrar (a) latina.

Longe de Europa os provimentos ficam,
 Nem os fortes cavallos, que se applicão
 A' conducção dos viveres, se atrevem
 A' romper os caminhos; mal se devem
 Pequenas cargas aos robustos hombros
 Dos domesticos indios; (14) se os assombros
 Desperta em vós esta fatal penuria
 O' generaes de Europa; nobre injuria
 Concebe o meu herde; alli sentado
 Entre os mais companheiros; rodeado
 Sem distincção alguma, ou já na meza,

(a) Illi se prædæ accingunt, dapibusque futuris
 Tergora dimpiunt costis, et viscera nudant,
 Pars in frusta secant, verubus quo trémentia figunt.

No leito, no quartel, ou junto á acceza.
 Chama, em que esperão reparar o frio;
 Tem toda a authoridade, todo o brio
 Posta no zelo só, na vigilancia.
 Com que prova os esforços da constancia,
 Esquecido de si, e da grandeza.
 Por ver o fim da committida empreza.

Fim do primeiro Canto.

Notas do primeiro Canto.

(1) *Fundação primeira.* Este poema tem por argumento principal a fundação de Villa Rica, ou antes a sua creação de pequeno arraial em villa, á que passou no dia 8 de Julho de 1711 com o nome de *Villa Rica de Albuquerque*.

(2) *Deste assumpto á meu verso.* Lea-se a fabula do Ribeirão do Carmo, que anda impressa entre as rimas do author. Coimbra na officina de Luiz Secco Ferreira anno de 1768; 8.º

(3) *O irmão defunto.* O Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, á quem S. Magestade fez mercê do titulo de conde de Bobadella, voltando das Missões.

(4) *As grandes terras.* O Brasil, que foi descoberto por Pedro Martins Cabral em 1501, é repartido em quatorze capitánias, das quaes a ultima é S. Vicente, que comprehendeo por muito tempo o governo das Minas-Geraes.

(5) *De Paulo.* No anno de 1554 em 25 de Janeiro dia dedicado á conversão de S. Paulo se celebrou a primeira missa naquella villa, e no de 1711 lhe deo titulo de cidade o Sr. D. João 5.º O Padre Vasconcellos na sua chronica do Brasil.

(6) *O arbitrio de um só braço.* Os primeiros governadores residião no Rio de Janeiro, e tinham annexa a capitania de S. Paulo, ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que de futuro se descobrissem, como se prova do regimento expedido em *Valthadolid* em 15 de Agosto de 1603 escripto por Luiz de Figueiredo, e se confirma do alvará de 8 de Agosto de 1618 inserto na collec. 1.ª da ord. do ll.º 2 tt.º 34 num. 1.º

(7) *Itamonte.* Serra vulgarmente chamada Itacolomy, ou Itaconomim, nome patrio, que quer dizer, pedra pequena. A villa está situada nas faldas deste penhasco.

(8) *Um genio esperto.* Neste genio se figura o do paiz.

como sensivelmente o dá a conhecer o author no canto 5 e 6 deste poema.

(9) *Soberbo rio.* Rio das velhas, primeira povoação das Minas Geraes.

(10) *O brioso Garcia.* Garcia Rodrigues Paes foi um dos vassallos de maior serviço no descobrimento das minas do ouro: a sua caza se acha premiada em seu filho o Alcaide-mór da Bahia, Pedro Dias Paes Lemie, guarda-mór geral das Minas etc. etc.

(11) *No horror da fantasia.* Imita o author neste lugar á Lucano na sua pharsalia ll.º 1. ibi—

Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas,
Ingens visa duci patriæ trepidantis imago.

(12) *Dom Rodrigo.* Entretanto que Fernando Dias Paes enviava á El-rei a mostra de esmeraldas, que tinha descoberto; chegou D. Rodrigo de Castello-Branco de ordem do mesmo Sr. á governar as Minas, e foi morto violentamente no rio das Velhas em caza de Manoel de Borba Gatto, como se lê no canto 3.

(13) *Pory.* Nação gentia: destes, e de outras nações se escrevem alguns episodios (*) por adorno do poema.

(14) Deixára o author de produzir estas imagens, se ellas não fossem tão verosimeis, segundo a condição dos primeiros tempos. De uma relação manuscripta do governador Artur de Sá e Menezes, colhemos tudo, o que a este respeito se applica ao heróe; e talvez estes trabalhos tão generosamente soffridos, dão um character da grandeza do espirito. Nos Lusíadas dizia o Gama ao rei de Melinde. —

Corrupto já, e damnado o mantimento,
Dannoso e mão ao fraco corpo humano.

Cant. 5. estanc. 71.

(*) O episodio é tirado do fundamento historico, que se conserva por tradição entre os nacionaes. Toda a scena deste canto se figura no rio das Velhas, por onde se dirigiaõ as marchas, em razão de serem alli os primeiros descobrimentos das Minas. Na Ecloga de *Arumcio*, que escreveu o author, se leem estes versos, que dizem relação á presente historia.—

Os primeiros, que entrarão na espessura
Dos asperos sertões dizem que acharão
Tres barbaras já velhas nesta altura.

Não disputa o author o anachronismo.

Canto segundo.

Cahia a noite , e apenas scintillava,
 No Céu alguma estrella; ao chão baixava
 Escassamente a luz, que Cinthia fria
 Mal distincta espalhava entre a sombria
 Rama da espessa matta, e duros troncos.
 Não se ouvem mais, que os formidaveis roncoss
 De aves nocturnas, de famintas foras.

Só tu, Garcia amante, consideras
 Opportuna á teus ais a estação triste;
 Amor, que ardendo no teu peito assiste,
 Vai buscar o remedio à seu cuidado;
 Elle te guia, e leva disfarçado
 A' chossa, que ás tres Indias deo abrigo.
 O' quanto louvas o silencio amigo, (*)
 Quanto o somno dos mais! chega, repara
 Na velha afflicta, que a choupana avara
 Apenas cobre com a palha agreste:
 A leve canna (1), que as montanhas veste
 Já secca ao sol, se accende, e a luz ministra,
 Com que uma a uma as Indias tres registra,
 Na lingua nacional, que não ignora,
 Sauda, e neste instante a mai de Aurora
 Conhece; Aurora, a bella prisioneira,
 Que houve da mão de Arzão, que c'o a primeira
 Medalha de ouro elle prendára; cresce
 De novo a admiração, e se offerece
 A India á dar-lhe relação da filha;

Se o ver-me neste estado é maravilha,
 O' Garcia, lhe diz, humilde, e nua;
 Eu sou Neagoa, eu sou a escrava tua.
 Muitas luas me lembro tem passado,
 Desde quando dos vossos atacado
 Foi meu esposo Caribó: seguidos
 Vinheis de muitos arcoss; soccorridos
 Do Coroá, (2) do Paracy valente:
 Assaltastes de noite a nossa gente,
 E mortos os mais destrós na peleja,
 Fosse rigor do Céu, ou fosse inveja

(*) E segretario del suo amore antico
 Fèa il unto campo, e quel silenzio amico.
 Tasso Hierusal. liberat. cant. 7.

Da fortuna; eu que a aldeia governava
 Passei com minha filha a ser escrava. (3)

Era ella em seus annos tão mimosa,
 Que á vista sua desmaiava a rosa,
 Seus olhos claros, as pupillas bellas;
 O' quantas vezes erí que erão estrellas!
 Não tinham nossos campos, nem o prado
 Planta mais tenra, flor de mais agrado;
 Emfim, por que de vós as cores tome,
 De anhora os vossos lhe dão hoje o nome. (4)

Vagando estes sertões na companhia
 Dos vossos, eu me lembro, como um dia
 A' preço do metal, que despresamos
 Vós nos comprastes; ainda nos lembramos
 Do mimo, do agasalho, que fizestes;
 Quando na vossa casa recolhestes
 A mim, e a minha Aurora; esta memoria
 Desperte toda em vós a antiga historia.

Como? por que arte? por que modo fóra
 Trazida d'entre os seus? a sua Aurora
 Se a seguira também? se vive? e aonde?
 Garcia lhe pergunta: ella responde:

Vive, senhor. eu creio, que ainda vive
 A minha, e vossa Aurora: della tive
 Noticia ha pouco tempo; um desses bravos,
 Que o nosso bom Pory tem feito escravos,
 Me contou, como lá na sua aldeia,
 Que não longe é de nós, ella passeia,
 Do cacique estimada, elle contente
 A busca esposa, e ella o não consente.

Mas por que quereis da minha bocca
 Ouvir todo o successo; só me toca
 Referir uma parte, que outra ignoro.
 Lá na domada aldeia, onde sonoro
 Se vê correr o Parahyba, postas
 Fomos por vosso mando: alli dispostas
 A' viver de outras leis. outros costumes
 Detestavamos já dos nossos numes.
 (Se alguns Deoses talvez nós conhecemos
 Na bruta liberdade, em que vivemos.)
 O culto, a religião, já divertidas
 No curvo anzol, nas redes bem tecidas
 Armavamos ao peixe, sobre o rio

Nos vio um dia o barbaro gentio ,
 Que em pequenas canoas rouba , e mata ;
 Fugiramos talvez , mas o pirata
 Nos surprende , e conduz : vi' mos captivas
 A' viver entre os seus ; e apenas vivas
 De pouco em pouco nos transportao : fico
 C'o a nação do Pory ; e passa o rico
 Thesouro de uma filha , que inda choro ,
 Ao crespo Monachos ; qual fosse , ignoro ,
 O triste resto do fatal destino . (5)
 Dos braços m'a arrancáráo : de ouro fino
 Ao despir-se terna a filha amada ,
 Com esta joia então me quer prendada .
 Se pois de Aurora o caso vos incita
 A' compaixão ; se em vosso peito habita
 O antigo amor , fazei , que a liberdade
 Se dê , a quem desperta esta saudade ;
 Essa visinho povo ao fogo . ao ferro
 Abatei , destruf ; pague o seu erro ;
 E alegre eu veja em vossa companhia
 A vossa Aurora , que ao meu lado via .

Absorto está Garcia , do que escuta ;
 Apenas deixa ver a face enxuta ;
 De Aurora o caso o tem sobressaltado ;
 Quer para logo dar á seu cuidado
 O desafogo da cruel vingança ;
 Mas bem que o lisongeie inda a esperança
 De ver a bella indianna , a incerta sorte
 Lh'a pinta , antes que viva , entregue á morte .
 Baixel , que sobre o Egêo de mil procellas
 Combatido se vio . rôlas as vellas ;
 Não soçobra talvez mais duvidoso
 Ao grave Nóto , ao Euro tormentoso .
 Farei . clamava ; e eis que interrompido
 Foi de um aviso , com que o heroe erguido
 Chama á conselho os companheiros todos .

Se combatidos por diversos modos ,
 Diz Albuquerque . de trabalhos tantos
 Entre estas penhas só despertão prantos
 As memorias da morte de Rodrigo ,
 Deixemos este assento ; o sonho antigo
 Tenho de descobrir-vos , com que a ideia
 Igualmente me afflige , e me recreia .

Lembrados estareis , que ha mais de um anno

Vos fiz saber que o nosso soberano,
 Que dos quatro Joêns o nome, e gloria
 Herdou para triumpho da memoria;
 Vendo ao norte da terra povoada,
 Que atraz deixamos na primeira entrada,
 Que fazem vossos pais, (6) achar-se o ouro;
 A' custa me ordenou do seu thesouro,
 Que entrasse ao centro dos sertões; buscasse
 As novas minas; e que examinasse
 As margens, onde em vão tomarão porto
 Fernando, Arthur, e Dom Rodrigo, o morto. (7).

Cheio deste projecto eu vejo um dia
 Que um rochedo fatal, a quem a frias
 Neve branqueja a descalcavada testa,
 Com medonha carranca me protesta,
 Não passe á descobrir o seu segredo:
 Avisinho me á elle, e rompo o medo: —
 Quem és, pergunto, que ignorado encanto
 Se esconde em tí? Elle me torna em tanto:

Eu sou dos filhos, (8) que abortára a terra,
 E fiz com meus irmãos aos Deoses guerra;
 ('Tú, negro Adamastor, (9) hoje em memoria
 Me obrigas á trazer a tua historia.)
 Meu caso um dia (10) o fado te destina,
 Que escútes inda pela voz de Eulina,
 No centro vivo dos sertões, que apenas
 Tocão das aves as ligeiras pennas;
 De feios monstros grande copia habita
 Meu triste seio; alli se deposita
 Tudo, quanto de grande, novo, e raro.
 O sceptro lusitano fará claro.
 Allí. mas tudo aos olhos patentião;
 Disse, e deixando ver o escuro seio,
 De uma pequena lagrima, (11) que a penha
 Perrama das entranhas, se despenha
 Gotta á gotta um ribeiro, logo á raia
 De ambas margens excede, e já se espraia
 Separado do berço na campina.
 Um murmurio sonoro só de Eulina
 Repete o nome; a maravilha estranha
 Inda mais se adianta; ao longe apanha
 Uma nympha na arêa os montes de ouro,
 Com que esmalta o cabello, e o torna louro,
 A margem deste rio povoada.

Vejo da portugueza gente amada,
 Toda entregue á sêllicita porfia,
 Com que o rico metal da terra fria
 Vai buscar a ambição: vejo de um lado
 Erguer-se uma cidade, e situado
 Junto ao monte, que um valle aos pés estende,
 Vejo um povo também: (12) tudo surpr'ende,
 Tudo encanta a minha alma, estou detido
 No fantastico objecto: Eis que um gemido
 Arranca desde o seio o monstro escuro,
 E diz... entre as imagens do futuro
 Talvez te espera.. más...: e nisto em nada
 Se torna toda a maquina ideada;
 Desfez-se a penha, a nympha, e o ribeiro
 Solto dos olhos o sopór grosseiro.

Não de outra sorte no ultimo horisonte
 Ao sepultar-se o sol, lá desde um monte
 Podem ver-se as imagens differentes
 A's refracções da luz: estão presentes
 Bosques, cidades, ruas, e castellos,
 Que os raios em distinctos paralellos
 Talvez figuraõ; despertando a aurora,
 Desapparece a sombra enganadora.

O sonho muitas vezes repetido,
 Desde que tenho a idéa concebido
 De entrar para estas Minas, me figura
 Um misterio na sombra, e na figura.
 Vós, que por tantas vézes discorrido
 Tendes estes sertões, tereis ouvido
 O nome de Itamonte; esta lembrança,
 Este signal só tenho de esperança;
 Talvez tomando o cume desta serra,
 Acharemos um dia o rio, a terra
 A nimpha, e os mais portentos, d'onde tome
 Dos thesouros, que espero, a villa, o nome.

Calou-se o general, e qual murmura (13)
 Uma abelha, e mais outra, quando a pura
 Substancia chupaõ das mimosas flores;
 Assim, não de outra sorte entre os rumores
 Do inquieto coração, estão fallando
 Entre sí cada um, e estão pensando;
 Rompe o silencio o prôvido Faria, (14)
 Eu dos primeiros fui eu fui, dizia,
 Dos primeiros, que o berço abandonado

Deixei, mais do fervor estimulado
 De reduzir os indios á justiça
 Da nossa religião, que dá cobiça.
 Entrei estes paizes, e inda nóto
 Em cada tronco os pouzos, onde rôto
 O vestido, tentei passando ávaute
 O giro dos sertões, de bem distante
 Parte dos grossos matos descobria
 Uma elevada, e tosca penedia,
 A' quem corôa um pico a altiva frente.
 Demandeí esta rocha, e do eminente
 De toda ella um ribeiro vi, que nasce,
 Que do sol recolhendo dentro a face
 Pareceo converter-se todo em ouro.
 Não vou buscar no meu invento o agouro,
 Nem creio, que este o Itamonte seja,
 Mas sei, que a lingua patria, que dezeja
 Explicar sempre em tudo a natureza;
 De *Itá* nome lhe deo, e na rudeza
 Do gentio talvez, que hoje alterado
 O nome *Cunumim* lhe seja dado.

Itá é nome patrio, (diz Garcia,
 Que apenas sua dor n'alma allivia)
 Este o gentio a toda a pedra estende;
 O esperado Itamonte em vão se entende
 Na confusão das serras, e dos montes,
 Que assemblão todos estes horisontes.

Eu também discorrera de outra serra
 O mesmo, que Faria, aonde a guerra
 De ferôz boleçudo (15) inda me assusta,
 Mas pouco á conjectura se me ajusta
 Toda a confrontação (disse Camargo) (16).

E' deste continente o sertão largo,
 (Dizia Bueno) (17) o lago, a serra, o rio,
 E espalhado por tudo o infiel gentio,
 Não deixão á noticia cousa certa,
 Onde possa entender-se descoberta
 A terra, que buscamos: nella intento
 (Albuquerque tornava) o fundamento
 Erguer da capital; de penha em penha
 Andarei se a fortuna o não desdenha,
 Té descobrir o monte, e o rio, aonde
 Tão grande maravilha o Ceo me esconde.

Prosequira o herôe, mas o embaraça
 Descobrir desde longe a vista escaça

Brioso cavalleiro, que seguido
 Vem de um forte esquadrão do indio vencido ;
 Sôa alegre o clarim, que a marcha guia ,
 A salva amiudada ao ar se envia ;
 E em quanto de Garcia o herôe se informa
 Do novo aventureiro, posta em forma
 Cada uma das nações, que traz consigo ;
 Um, e outro se encontra ao doce amigo ;
 Promptos os servos á estribeira pegão ,
 Elle se apêa, e abraça aos que se chegão.

Fim do segundo Canto.

Notas do segundo Canto.

(1) *A leve canna.* Providencias da natureza, com que se suppre a falta da luz entre os indios: Assim Virgil. *Æn.* 1.

Et primum silicis scintillam excudet Achates.

Lucano na descripção da cabana de Amielas. Lib. 5. vers. 524.

Jam tepidæ sublato fune favillæ

Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.

(2) *Do Corodá, do Paracy.* Nações de gentios, que vivem pelos sertões das Minas.

(3) *A ser escrava.* Os motadores de S. Paulo fundarão as suas primeiras riquezas na escravidão dos indios: com este objecto principalmente tentarão o centro das conquistas: á beneficio da liberdade se publicarão as providentissimas leis de 3o de Julho de 1609, de 10 de Setembro de 1611, e a novissima de 6 de Julho de 1755, que cassou toda a restricção, que havia á respeito dos quatro casos, em que era licito o captiveiro dos indios.

(4) *Lhe dão hoje o nome.* Substituia Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, as vezes deste no descobrimento das novas Minas: rompeo os mattoes geraes até a serra vulgarmente chamada *Itaverava*, que val o mesmo, que *pedra lusente*: ahi plantou meio alqueire de milho, e entretanto que madurava a planta, passou a gente da sua conducta para o sertão do Rio das Velhas, por ser elle mais fertil de caça, e mel silvestre, únicos soccorros, que encontrava a necessidade dos sertanistas. Voltou no anno de 1698 á colher a pequena sementeira, e foi por este tempo encontrado de novos descobridores, que descião de S. Paulo: erão estes o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, o

capitão Manoel Garcia Velho, e outros, de que não ha individual lembrança.

Propez ao dito coronel o capitão mór uma troca de armas, e se effeituou esta com o avanço de todo o ouro, que se achou na comitiva. Desejoso o capitão mór de entrar em S. Paulo com esta pequena porção de ouro, que não passou de doze oitavas, não tardou em commetter ao mesmo coronel a compra de duas índias, mai e filha as quaes comprou o coronel, e cathequisadas se baptisou a filha com o nome de *Aurora*, e se impoz á mai o nome de *Celia*.

(5) Toda esta ficção não serve mais, que de ornamento, e tudo o que se deduz da historia, é insignificante. Recolhendo-se Antonio Rodrigues Arzaõ no anno de 1695 á capitania do Espirito Santo com mais cincoenta e tantos companheiros da sua conducta, derrotados, e destruidos todos dos repetidos ataques do gentio, appresentou ao capitão mór da quella villa tres oitavas de ouro, de que se fiseraõ duas memorias, uma, que ficou ao capitão mór, e outra, que levou o dito Arzaõ: este é o primeiro ouro das Minas, que ha noticia haver-se denunciado á El-Rei no anno de 1696.

(6) *Que fazem vossos pais.* Já por este tempo estavaõ descobertas em S. Paulo as Minas de Curibituba, Pernaguá, e Jaraguá, e tinha de mais havido o descoberto das esmeraldas, que deo occasião ás grandes providencias dos Srs. Reis de Portugal, especialmente do serenissimo Rei D. Pedro II de saudosa memoria, beneficiando, e honrando com muitos privilegios, e regalias, aos que se empregassem neste exercicio: encarregados D. Frandisco de Sousa governador entaõ do estado do Brasil, e Salvador Corrêa de Sá de promoverem por todos os modos o descobrimento do ouro, pedras, e mais haveres, que promettia o largo continente do Brasil. Tudo se pode ver de um alvará, que se acha registado nos livros, que serviaõ de registos das leis extravagantes na Torre do Tombo de Lisboa desde o anno de 1613 até o de 1637 à fol. 97.

(7) *Fernando, Arthur, e D. Rodrigo o morto.* Estes tres governadores, que penetrarão de ordem de El-Rei os sertões das Minas, não chegarão á exercer nellas actos de jurisdicção, por encontrarem os embaraços de que se faz relação no Cant. 8.º entre a serie dos governadores das Minas.

(8) *Eu sou dos filhos.* A guerra dos gigantes:
Terra ferus partus, immania monstra, gigantes,
Edidit. Claud. gigant.

(9) *Tú, negro Adamastor.* Allusão ao Cabo da Boa-Esperança. Cam. Cant. 5.º est. 51.

*Fui dos filhos asperrimos da Terra,
Qual Encelado, Egêo, ou Centimano,
Chamei-me Adamastor: e fui na guerra,
Contra o que vibra os raios de Vulcano.*

(10) *Meu caso um dia.* Veja-se o Cant. 8.º

(11) *De uma pequena lagrima.* Com vaidade sua confessa o author haver se servido para a descripção do ribeirão do do Carmo do sonho do Senhor Rei D. Manoel, que refere Camões no Cant. 4.ª dos Lusíad: est. 68.

Estendo já deitado no aureo leito,

Onde imaginações mais certas são.

E na est. 69.

*Vio de antigos, longinuos, e altos montes:
Nascерem duas claras, e altas fontes.*

O ribeirão do Carmo, que foi a primeira villa, que erigiu o heróe em 4 de Julho de 1741 passou à ter titulo de cidade pela ordem regia de 23 de Abril de 1745.

Neste mesmo tempo se fez a divisão das dioceses, repartindo-se o bispado em tres cathedraes, que forão, Rio de Janeiro, S. Paulo, e Minas: foi o primeiro Bispo de Marianna (que assim se chama a dita cidade do Carmo) D. Frei Manoel da Cruz, religioso da ordem de S. Bernardo.

(12) *Vejo um povo tambem.* Entende-se o povo do Ouro-preto, pequeno arraial, em que foi creada Villa Rica: está em distancia de duas legoas para a parte occidental da cidade de Marianna: as grandes riquezas, que nella se descobrião, lhe adquirirão o nome de Rica á exemplo, da que creou Hespanha nas suas Indias.

(13) *E qual murmura.* Imitação de Gabriel Pereira na sua *Ulisséa* Cant. 1. est. 28.

*Disse; e qual nos primeiros resplendores
As abelhas sollicitas levantão etc.*

(14) *O provido Faria.* O Padre João de Faria Fialho da ilha de S. Sebastião, de quem ainda conserva o nome um dos bairros de Villa-Rica pelo descobrimento que ahi fez, de um correjo rico.

(15) *Botecudo.* Gentio bravissimo, que se distingue pela rotura do beijo de baixo.

(16) *Cumargo.* O alcaide mór José de Camargo Pimentel natural da villa de Taboaté, que descobrio o rio Perisicaba,

e fundou a capella de S. Miguel, hoje freguesia de Antonio Dias abaixo de um grande numero de almas, termo da villa de Caheté, comarca do Sabará.

(17) *Bueno*. Bartholomeu Bueno, cunhadô de Antonio Rodrigues Arzão, foi por elle convocado entre outros para proseguir o descobrimento das minas do ouro: penetrou estes sertões, e mattos geraes, como já se disse, até chegar á serra da Itaverava, hoje arraial populoso, distante 8 legoas de Villa-Rica, termo da villa de S. José, comarca do rio das Mortes..



Canto terceiro.

As paixões acalmára de Garcia
 A chegada do Borba, e suspendia
 Ella mesma a partida de Albuquerque,
 Sem que temor algum lhe opprima, ou cerque.
 O nobre coração, na tenda entrava,
 E cortejando o heróe, assim fallava:

Terás ouvido, ó general famoso,
 Variamente o meu caso; e duvidoso
 Talvez da fé, que guardo attento
 Ao meu Rei em signal do juramento.
 Accusado por complice na morte
 Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,
 Mais que o delicto meu (1) desculpar venho;
 Sem adorno o successo agora tenho
 De diser-te; e veras hóje informado,
 Que seu mais infeliz, do que culpado.

Pouco mais de tres legoas em distancia
 Deste sitio me via, quando á instancia
 Do novo general, que aqui chegava
 A' voz de um mensageiro me ordenava,
 Entregasse os soccorros prevenidos
 Da polvora, e do chumbo, e os comettidos
 A' minha guarda promptos instrumentos
 Do ferro, e do aço: opponho á seus intentos
 A razão, que me assiste; e emfim me escuso;
 Dizendo, que das ordens não abuso
 Do meu fiel parente, a quem espero
 A' cada instante, e perto considero
 De entrar comigo a registrar as fallas
 Das montanhas, e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta
 O importuno ministro, e já se solta
 Contra mim de larada toda a furia
 Dos vis aduladores: por injuria
 Reputão toda aquella resisteneia,
 E protesta, que aos braços da violencã
 Hade ceder a repugnancia minha.
 Um, e outro se offerece, mas detinha
 Ao prudente fidalgo o arduo projecto
 Da brandura, e da paz o nobre objecto
 Do serviço do rei á mim o guia;

Em pessoa apparece ; e me seria
 Muito facil ceder , se nao houvesse
 Mais forte obrigação , que me prendesse .
 Uma , e mil veses represento o empenho ,
 Que á duvidar me induz , e me detenho .
 Irresoluto um pouco , (nem atino ,
 Se obrava nisto a força do destino)
 Constante era a rasão ; pois esperando
 As reacs ordens para a empresa , quando
 Fernam Dias voltasse ; não-teria
 Os provimentos , que deixado havia :
 Emfim elle de colera se accende ,
 Nem as minhas desculpas mais attende ;
 Enfurece-se ; grita , e ameaça :
 E eu (ó duro extremo da desgraça !)
 Rendido á todo lance , só procuro
 Mitigar-lhe o rancor ; um braço duro ,
 Sacrilego , insolente , infame , ousado ,
 Sem que eu presuma o barbaro attentado ,
 Se arrója d'entre os meus ; dispara um tiro ,
 E a alma involta no mortal suspiro
 Vôou , deixando a magôa , em que me vejo ,
 Para salvar a vida , a honra , e o pejo .

A noticia do caso accende a ira
 Em todos os que o seguem , já conspira
 Em meu damno o parente , e mais o amigo .
 Querem vingar a morte de Rodrigo ;
 Em vão lhes serve de reparo , ou freio
 A innocencia , em que estou ; medito um meio
 De salvar-me ; em esquadras divididas
 Reparto a gente , sobre as mais crescidas
 Montanhas , d'onde fossem descobertas .

As estradas ao longe em parte abertas
 Davaõ já vista aos impios conjurados
 Quando os tambores , e clarins tocados
 Em varios sitios amotinão tudò :
 Cresce o temor ao meditado estudo ,
 E crêm que era chegado Fernam Dias ,
 Amparado do engano , as serras frias
 Destes sertões dobrei , passo á corrente
 De um grandê rio , e a margem florescente
 Piso , apenas de alguns acompanhado ;
 Aqui descubro um plano dilatado
 Commodo á creação ; nelle apascento

Por muito tempo o gado, e em novo augmento
 As descobertas Minas já preparo.
 Na fome, e na penuria o bom reparo.

Estes são os serviços, com que chego,
 Estes os testemunhos são, que allego,
 Da innocencia, em que vivo; os meus parentes,
 Amigos, e obrigados, que presentes
 Em grande parte estão, por mim te fallem,
 E quando todos por lisonja calem,
 Do teu antecessor terás ouvido,
 Quanto serve de informe de este lúcido
 Bastão, da vida sua, (então levanta
 A insignia militar) é prova tanta,
 Que sobra a escurecer qualquer suspeita,
 Que ao meu rei pudesse ser aceita.

Disia; e sempre grave, e sempre airoso
 Deixava ver no rosto generoso
 O espirito magnanimo; que o alenta.
 O heróe, que sem mudança se contenta
 De ouvir todo o successo por inteiro,
 Suave acolhe ao nobre aventureiro,
 E dando-lhe mil mostras de amizade
 De ordem do mesmo Rei o persuade
 A' que viva seguro do delicto;
 Informa-se do sitio, e do districto,
 Em que está, e o convida para a empresa,
 E por elle pretende haver certesa
 Da serra, que demanda, onde fundada
 Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providencias
 Se detem alguns dias, e as urgencias
 De esteril sitio apenas soccorridas
 Erão de algumas caças, que trasidas
 Viãão dos indios menos assustados
 C'ò a chegada dos mais, que estão listados
 A' comandancia do hospede: entre varios
 Da nação Munaxós, que voluntarios
 Ao heróe visitavaõ, se encontrava
 Um mancebo gentil, á quem cercava
 Branco pennaxo a testa, os braços cinge
 De amarella plumagem, bravo o finge
 A tinta do urucú (2); a cor (3) nem preta,
 Nem branca por extremo, mas que affecta
 Do gelado Samiute (4) o estranho gesto;

Pouco ao braço, e ao hombro lhe é molesto
 O arco, e a aljava; o rosto, a falla, e tudo
 Verte um ár de respeito, ár sem estudo.

Em vão das flechas a purpurea arára
 Fugir-lhe espera, em vão na garra avara
 Mosqueado tigre lhe ameaça a morte:
 Empunha o dardo, e valeroso, e forte
 O faz despojo do robusto braço,
 O fere, e corta no vasio espaço.

De impulso por então não conhecido
 O Indio, a quem amor tinha ferido
 Se deixava arrastar, e praticando
 Tudo, quanto a paixão lhe está dictando,
 Do valor do seu braço elle confia
 Roubar traidor a vida de Garcia.

Protegido da noite, á horas, quando
 Jaziao todos, n'uma mão tomando
 Uma faca, e em outra o dardo agudo,
 Por tudo olhando, e precavendo tudo
 A tenda busca do saudoso amante;
 A luz lhe rege o passo, e ao mesmo instante
 Na cama o tenta, e lhe prepara a morte;
 Houve uma vez de ser propicia a sorte,
 Que não dorme Garcia, e sente o ruido;
 Ergue se; toma a espada, e acommettido
 Se vê apenas, quando reparada
 A ferida do dardo, mette a espada
 Por um lado ao traidor; em sangue envolta
 A tira, e a mão suspende; á um tempo solta
 A corrente do sangue innunda a terra;
 O indio semivivo os dentes ferra,
 Acena de morrer, e grita, e brada
 Em roucas vozes, com que amotinada
 Tem toda a gente, que ao successo acóde.
 Debalde a conjectura alcançar póde,
 O mesmo que está vendo, estranho, e occulto
 E' o motivo do aleivoso insulto:
 Faminto lobo no redil fechado
 Assim receoso entrou; mas açossado
 Do Molósso feróz, foi de repente
 Cahir despojo ao sanguinoso dente.

Conhecendo Albuquerque que respira
 Inda vivo, a um dos pousos o retira,
 E lhe poem sentinellas; manda entanto

Se lhe applicquem remedios: o óleo santo,
 Que ministra de Bueno a mão esperta,
 Estanca o sangue, e da ferida aberta
 Cerrando a boca, inda a esperança anima,
 De que a morte de todo o não opprima.

Fim do terceiro Canto.

Notas do terceiro Canto.

(1) *Mais que o delicto meu.* Expoem-se neste canto a historia de Manoel de Borba Gatto com a maior fidelidade, e pureza, que se pôde averiguar. O governador Arthur de Sá Menezes lhe deu o perdão em nome de El-Rei; e o honrou com o posto de tenente-general, affiançando no descobrimento, que elle prometia, e fez certo das Minas, e faisqueira do rio das Velhas.

(2) *Urucú.* É uma fruta, que desfasendo-se dentro d'agua, lança de si um pó subtil, e tão encarnado, que excede à cor coxonilha; com ella se pintão os indios nas suas festividades.

(3) *A cor nem preta etc.* O gesto deste indio é figurado pelo caracter, que dá Soliz ao principe Guatimosin, sobrinho do imperador Montezuma. — Et color tan inclinado ao branco, ó tão lexos de la obscuridad, que parecia estrangeiro entre los de su nacion. Hist. Mex.

(4) *De gelado Samiute.* Gentio de nação Russiana, que encontrarão os Holandezes na nova Zembla no anno de 1595. taes se figurão os Monaxós pela sua maior brancura, e proporção de membros.

(5) *Arára.* É uma ave de cor encarnada, de cujas penas uzão os gentios na cabeça; o seu vôo é muito alto.



Canto quarto.

A' continuar a marcha se dispunha
 O heróe, que um vivo zelo testemunha
 Em todos, os que o seguem, repartidos
 Aquelles, a quem são mais conhecidos
 Os sertões, pela margem se espalhavão
 A' direita do rio, e se empregavão
 Em socavar a terra, em deligencia
 Do metal, de que tem verde experiencia.

Tinha Pegado adiantado o passo
 Algum tanto dos mais, e o corpo lasso
 Junto á um lago, que sobre uma campina
 Se espraia, e quebra as ondas, brando inclina;
 Procurando em um tronco em parte encosto
 Ao hombro, e alivio á cabeça, e rosto.
 Estende-se na arêa, e reclinado
 Se vê ápenas, quando (ó inesperado
 Prodigio, que o surpr'ende!) eis que mover-se
 Pouco á pouco se admira; ora estender-se,
 Ora encavar-se o formidavel tronco.
 Levanta-se assustado, e logo um ronco.
 Ouve medonho, que de todo o rende,
 A cauza do prodigio não entende,
 Não pensa, não discorre o bom Pegado,
 Grita aos indios attonito, pasmado,
 E o tronco então com raptó mais furioso
 Se arroja desde a praia, e busca ancioso
 Sepultar-se no lago o seio abrindo
 Das agoas, que c'ó a cauda vai ferindo.
 Não de outra sorte sobre os grossos mares,
 Que do Antartico Céu cobrem os ares,
 De mergulho se vê buscar a arêa
 O pardo, e negro monstre da balêa,
 Quando do arpão do pescador ferida
 Tinge as ondas de sangue, e submergida
 Ao fundo leva a barbatana dura.

Vem os indios chegando, e entre a escura
 Sombra do lago inda estão vendo o rasto
 Da féra, que conhecem; tanto ao pasto
 Da presa, que avistou leão, não corre,
 Como um, e outro Tape se soccorre
 Dos pés nadantes, e nas mãos levando

O prompto ferro, o tronco vão rasgando
 Com as cortadoras facas; já de todo
 Boiando o fazem vir, por arte, e modo
 Não pensado, o arrojão sobre a praia.

De curioso ardor cada um se ensaia
 De arrancar-lhe das entranhas tudo,
 Quanto a fome tragára; absorto, e mudo
 Pegado está notando a maravilha.
 Tres veados comêra, em quanto trilha
 A margem da lagoa, estão inteiros
 No ventre, e ainda em pello, os dous primeiros,
 Riem-se os indios de Pegado, e o riso
 Tem ao mancebo então mais indeciso,
 Vendo que novo alli não conhecera
 Que é o sucuriú aquella féra,
 De quem ouvido aos nacionaes havia
 Que um tronco, na grandesa parecia.

Mas não foi tão debalde este portento,
 Que olhando para o sítio, aonde assento
 Fizera o monstro, o chão não descobrisse
 Inda mal apagado, e não se visse
 Um vestigio de uma sepultura;
 Manda cavar Pegado a terra dura,
 E dentro (ó pasmo!) os ossos encontrava
 De um cadaver a quem assignalava
 A cruz, que tem do Christo, e lhe servira
 De habito ou mortalha; então se admirava
 Mais cada um; e aviso ao heróe dando,
 Todos ao mesmo passo vão cercando
 Em rôda a sepultura: Borba chega,
 Affirma, que é Rodrigo, e logo allega
 Como dos indios seus á pressa fora
 Sepultado, fugindo os mais, e agora
 Reconhece o signal na cruz bendita
 O authenticico padrao mais acredita;
 Visinho um tronco, á mão, cortado, aonde
 De ordem do mesmo Borba corresponde
 Outra cruz á memoria deste officio.
 Celebrou-se o devoto sacrificio
 Junto ao sepulchro; e as ultimas piedades
 Pela mão de Faria as saudades
 Temperavaõ do morto, consoladas
 As memorias de sangue inda banhadas.
 Urnas fastosas, que cobris no Egypto

Herdes famosos, sobre vós escripto
 Viva embora o epitafio, que em memoria
 Dos Ptholomeos inda respira a gloria!
 Sobra ao bom general, sobra á Rodrigo.
 Da núa arêa o misero jazigo;
 A vida pelos reis sacrificada
 Basta á deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objecto se cansava
 O heróe, e já partir d'alli pensava,
 Mas o deteve, e lhe cortou o passo
 Convalescido da ferida Argasso;
 (Este era o nome do indio) em companhia
 Vinha de sentinella, á quem pedia,
 Que á presença do heróe o conduzisse;
 Como á caso á seu lado entao não visse,
 A Garcia, fallou mais animoso:

De traidor, e aleivoso sou culpado,
 Magnanimo Albuquerque; ouve-me, attende;
 Saberás que o meu braço não te offende,
 Nem se conspira contra os teus; a dura
 Condição de uma barbara, que jura
 Não ser minha, apesar dos meus disvellos,
 Meu coração encheo tanto de zelos,
 Que imaginei na morte de Garcia
 Vingiar o meu despreso; e a tirannia
 Castigar do meu bem: fui desgraçado,
 Inda não me arrependo do passado.

Albuquerque lhe diz, que exponha a historia
 De seu furioso amor e que em memoria
 Traga todo o successo; elle mordendo
 Raivoso os beiços, e mil ais vertendo,
 Não posso, diz, não posso em tudo; ou parte
 Dizer-te, o que padeço; o esforço, a arte
 Vos sobra á vós, em mim obra a rudeza,
 Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bella indjauna, a linda Aurora,
 Que não daqui muito distante mora:
 Prisioneira em meu braço á vim trazendo
 Lá desde o Parahiba, (1) e discorrendo,
 Que entre os meus Monaxós se renderia,
 Só o nome lhe lembra de Garcia.
 Neagua, a mai, deste ó Porti roubada
 Conheceo-me, e me informa da chegada.
 Deste bom cavalleiro, não sabia,

Que o meu curioso ardor se dirigia
 A' mais arduo projecto; tento a morte,
 E em despojo euidci do braço forte
 Por triunfo levar á minha amada
 A cabeça do tronco separada.

Assim fallava arrogante; o heróe piedoso
 Quer dar provas de peito generoso,
 Chama a Garcia; informa-se do resto,
 E por voz de Neagua é manifesto
 O vario giro da amorosa historia;
 Argasso (diz) da portugueza gloria
 Tu não sabes o timbre; a indianna bella
 Não disputa Garcia, e a tua estrella
 Não queiras contrastar por modo estranho,
 Elle t'a cede, eu proprio te acompanho,
 E contigo pertendo ver a aldêa,
 Onde ella vive, e o teu amor te enlea.

Que vds partaes, senhor, eu não consinto,
 Disse Garcia, ao meu valor distincto,
 Ao meu zelo catholico era injuria
 Saber-se que a conter a minha furia
 Necessaria se fez vossa presença;
 A' Argasso desde já perdôo a offensa,
 E quero que conheça aos portuguezes;
 Com elle partirei, e as suas vezes
 Sustentando ao favor da bella indianna,
 Farci que elle ditoso, e mais humana
 Ella, se abrazem no gostoso alento
 De um santo, de um perpetuo sacramento.

Fia de mim, (ao indio se tornava).
 Que a mesma, que já viste minha escrava,
 Hasde ver-me á seus pés por ti rogando,
 Nem de ti outro premio entãõ demando
 Mais, que em uso melhor convertas logo
 Esse taõ louco, como illustre fogo,
 Que alimentas no peito; serás nosso
 Amigo, e não escravo, e quanto eu posso,
 Nobre rival, te digo desde esta hora,
 Neagua é tua, é tua a minha Aurora.
 O' tú, Cyrô (2) famoso, se pôdeste
 Eternisar teu nomé, quando deste
 A formosa Pantca ao nobre Araspe;
 Se na dadiua bella de Campaspe
 Ao namorado Apelles, gloria tanta

Te adquire, ò Macedonio, a voz, que canta
 Teu nome inda por todà a redondeza,
 Vê, quanto mais se avança esta grandeza,
 Com que de uma paixãõ a rebridia
 Dõma, e castiga o esplendido Garcia.

Convem o herõe, e espera que domado
 O Monaxós; e á religião chamado
 Se veja por tal modo; do projecto
 Se faz parcial Faria, turvo o aspecto
 O indio tem á tanta açãõ, nem sabe,
 Como no coração de um homem cabe
 Subjugar tao valente a paixãõ dura,
 Que inspira amor. Neagua se procura
 Unir à compaunhia, as outras ficão
 Entregues ao favor, dos que se applicão
 A' povoar em tanto aquella margem,
 Despedem-se; e Albuquerque, que pela vargem,
 Que alli se estende, a marcha ao centro guia;
 De Borba tendo prompta a compaunhia,
 E dos mais, parte em tropas do gentio,
 E das Velhas o nome impoem ao rio.

Fim do quarto Canto.

Notas do quarto Canto.

(1) *Parahyba.* Rio, que corre ao sul, e corta a estrada do Rio de Janeiro: á sua margem estão algumas aldeas domesticas.

(2) *O' tú Cyro.* Cam. cant. 10. est. 48.



Canto quinto.

Magnifica, exquisita architectura
 De um Templo guarda o abismo, onde a figura
 Ao preço da materia corresponde;
 Lá no mais fundo dos altares, onde
 Arde em perpetuo fumo o rendimento
 Tem o interesse seu dourado assento.
 Este idolo fatal, que se alimenta
 De humano sangue, um monstro representa
 Armado sempre em guerra; cobre o peito
 Tres vezes de aço e tem o braço feito
 Ao furor, aos estragos, e á ruina;
 Tinto em sangue um punhal a mão fulminia;
 Enterrando em um globo a aguda ponta
 Pareceo intentar por nove afronta
 Cravar o coração de todo o mundo;
 Indignou-se; e do seio mais profundo
 Su-pirou esta vez; e conhecendo
 Que do calvo Itamonté o aspecto horrendo
 De um panico terror ao longe ameaço
 Não bastava à cortar do heróe o passo,
 Que ao fim se dirigia a illustre empreza,
 E que em breve hade ver posta em certeza
 Toda a idéa do sonho concebido;
 De todo agora em colera accendido
 Sê empenha á embarçar o alto projecto.
 Do magnanimo chefe, toma o aspecto
 De um certo religioso, (1) que influira
 Nas primeiras desordens; e que vira
 Dos nacionaes sinceros o destroço;
 Em contractos sinistros este um grosso
 Cabelal ajuntára, tendo a idéa
 De vender por estanco, o que franquea
 O liberal despejo dos paizanos.
 Meditando traições, tecendo enganos,
 Firmado no character o respeito,
 Aparecia o indigno; e tendo feito
 Já parciaes de seu animo alguns poudos,
 Assim lhes falla: ó Europeos, que loucos
 A's portas esperaes vossa ruina;
 Credes que esta nação é de vós digna
 Assim vos vejo estar com gesto manso,
 Quando á desconcertar vosso descanso,

Corre armado furor de um braço forte?
 Desconheceis acazo que outra sorte,
 Outra fortuna vos espera - vindo
 Tão proximo Albuquerque á quem seguindo
 Vem o infame tumulto dos Paulistas,
 Que aspirão senhorear estas conquistas?
 Já vos não lembra o meditado empenho
 De evitar as justiças, (2) e o despenho
 Patrocinar dos novos attentados
 No refugio, aos paizes retirados,
 Que domina o Hespanhol? tanto a fortuna
 Abandonaes na maxima opportuna
 De nos enchermos dos preciezos fructos,
 Que guarda a terra, e dos reaes tributos
 Fugir a imposição? credes que venha
 A' outra couza, e outro projecto tenha
 Mais, que roubar-nos as fazendas nossas,
 Ganhadas á tal preço, que inda as grossas
 Correntes desses rios se estão vendo
 Turvas de sangue? O impeto tremendo
 Não trazeis em memoria dos tyrannos
 Que fundados no timbre de paisanos,
 Mais escravos que amigos nos queria?
 Não vos lembra, quem foi quem é Pedrozo? (3)
 Ignoraes, que no cerco duvidoso
 Perto estivemos de perder as vidas,
 Se por meio de Autunes conseguidas
 Não fossem por então nossas idéas?
 Ignoraes, que as montanhas estão cheias
 Destes perturbadores desde quando
 Arbitraria e fantastica (4) ordem dando
 Em o nome do rei, os compellimos
 A' largar-nos armas, com que os vimos?
 Se do auxilio do grande se aproveitão,
 Se a sua fé, se o seu favor acceitão,
 (Como é crível que o fação) que destino
 Tão triste para nós! Eu imagino
 Que não sois Europeos: a vossa gloria
 Acabou de uma vez para a memoria.
 Virá, eu vejo, o Montanhez tyranno,
 Roubará nossos bens, irá ufauo
 Contar aos nacionaes seu vencimento;
 Albuquerque, eu o vejo em nobre augmento
 Pará brilhar a Luza Monarchia;
 Nós lhe daremos nova gloria um dia.

Eia, Europeos briosos, eia amigos,
 Vejam-se os dias respirar antigos.
 Torne, torne de nós a ser lembrada.
 De Dom Fernando a fresca retirada;
 Venha em memoria de Rodrigo o caso;
 E ou em falsa traição, ou campo raso
 Ataque-se Albuquerque, fuja, e leve
 De uma vez; pois que á tanto hoje se atreve,
 O desengano da ouzadria sua.
 Calou (5) o religioso: continua
 A' propagar o socio o impio partido,
 Que de accordo commum tem concebido.
 Derrama-se o veneno, e vai chegando
 Aos corações de muitos, avivando
 As imagens da antiga rebeldia.
 Já um numero grande concilia
 O padre de atrevidos, sao dispostos
 A disputar a entrada, ao heróe oppositos.
 Se querem sustentar na liberdade,
 Francisco, o vil Francisco os persuade
 A viverem seguros nos protestos
 Firmados com Vianna: de funestos
 Agouros ao Paulista se enche tudo.

Eis do sulfureo pó, do ferro agudo
 Se buscão munições: a arte, o engenho,
 (Qual o paiz permite) o desempenho
 Se propoem da victoria nos tostados
 Pãos do que os duros Cafres vom armados;
 Emboscadas ao longe se preparão;
 Tomão-se os sitios, fortes se declarão
 Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Houverão de lograr-se estes effectos;
 Mas o genio, que guarda as patrias Minas,
 E a seus descobridores de benignas
 Influencias encheira, percebendo
 A crua idéa do attentado horrendo,
 Do mais fundo de um monte a estancia bruta
 Buscára; alli se acolhe, e em uma gruta
 Da cavernozza lapa anima o gesto
 De um Indio já cansado (6) inutil resto
 Dos annos, que contára a mocidade.
 Barba, e cabeça lhe branquêja a idade.
 Dos fundos olhos iinda mal se via
 O fogo scintillar, em que nutria
 Um espirito vivo, e penetrante:

De leite serve a pedra, e tem diante
 De si os seccos ramos, onde accende
 A pequena fogueira; á ella estende
 As mãos mirradas, o calor buscando.

De uma clara corrente, que mauando
 Vinha do centro do penhasco, o curso
 Segue Albuquerque, entregue o seu discurso
 Separado dos mais á idéas varias;
 Entrava; e suspendido entre as contrarias
 Imagens, que o combatem, de repente
 Pomba os olhos no Indio e no accidente
 Do inesperado encontro está pasmado.

Caminhante, que dorme deschnidado
 Tanto não se enche de terror, e medo,
 Quando abre os olhos, e visinho, e quêdo
 Vê desde longe o tigre, a onça brava,
 Que da brenha sahia, e attento a olhava.

Cuida ver uma fera o heróe; ousado
 Aponta o ferreo cano, e já dobrado
 Houvera a mola, se de riso o velho
 A boca não encherá; ao seu conselho,
 A's suas vozes Albuquerque chega,
 E todo ao pasmo, e á admiracão se entrega.

Eu vos conheço, ó Europeos, conheço,
 (Dizia o Genio) o generoso apreço,
 Que de vós faz o mundo; em vão dos annos
 Não conto os largos, e creseidos damnos.

Confunde-sê a razão; pedê-lhe, conte,
 Quem é? Que faz? Eu sou, diz, Filoponte,
 O primeiro, que entrei estas montanhas
 Com o famoso Arzão; elle ás estranhas
 Regiões se passou, eu só deixado,
 E ao commercio dos homens já negado
 Vivo neste reliro: a minha vida,
 Fortuna, e mal, historia é tão crecida,
 Que só pode cançar-te a minha historia,
 Mas pois a sorte com feliz victória
 Te conduzio té aqui chegando a ver-me,
 Sabe, quem sou, e aspira á conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão seria
 O penedo de um lado, e já se via
 Aberta uma estructure transparente
 De cristalinos vidros, tão lusente.

Que aos olhos retratava fim firmamento
 De estrelas esmaltado, e o nascimento
 Do rôxo sôl, quando no mar desperta,
 Em cada vidro á um tempo descoberta,
 Uma imagem se vê, que os riscos formão,
 Estas em outros vultos se transformão;
 E a scena portentosa á cada instante
 Se muda e se converte: está diante (7)
 Uma extensão larguissima de montes,
 Que cortão varios rios, lagos, fontes;
 Densos mattos a cobrem; vem-se as serras
 De escabrosos rochedos, novas guerras
 Tentar buscando os Ceos, como tentára
 Briarêo, quando aos Deos escalára.

Logo uns homens (8) se vem, que vão rompendo
 Com intrepida força o matto horrendo,
 Nus os braços, e os pés, mal soccorridos
 Do necessario á vida, estão mettidos
 Por entre as feras e o gentio adasto:
 Cada um de si só, perdido o susto
 Se embosca ao centro dos sertões, se entranha
 Já pelo serro, já pela montanha;
 Uma, e outra distancia gira em rôda,
 E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro (9) e logo outra pintura
 Nova imagem propoem, nova figura,
 Que retrata uns mortaos de negras cores,
 Regando o afflicto rosto de suores
 A' força das fadigas, com que cavaõ
 As brutas serras, e nos rios lavaõ
 As porções extrahidas, separando
 As pedras do metal, que andaõ buscando.

Eis que outros homens de semblantes feros
 Contra os conquistadores já severos
 Os fazem despejar desde os seus lares;
 Disperso o sangue (10) se recolhe em mares;
 Familia, e armas, cabedaes, e tudo
 Cede aos avaros, que do ferro agudo
 Fazem despojo á fugitiva gente.

Ao som da caixa o vidro transparente
 Retrata logo em monstruoso vulto
 Correndo á redea solta (11) a todo o insulto
 Confusa multidão, que se prepara
 Arrogar-se o governo, e emprende a vara

Sustentar com seu sangue o roubo indigno.
 De um chefe os rege o coração maligno,
 Bem que se justifique na apparencia (12)
 De um influxo de zelo, e de prudencia.
 Desde o cume de um monte está voltando-
 As costas um guerreiro, que do mando
 A insignia traz na mão; segue seus passos-
 O resto desses miseros, que aos laços
 Dos impios escapára; tem a morte
 Presente aos olhos; e na dubia sorte
 Escolhe de outras forças redobrar-se,
 Té que chegue a occasião de vindicar-se
 O respeito, que em vão aos mãos intima.

Passavão outros vultos, quando em cima
 De um soberbo cavallo vem montado
 O mesmo heróe; o heróe, que está pasmado-
 De se ver a si proprio: ao longe um pico-
 Desde uma serra o convidava ao rico
 Paiz que assombra o barbaço Itamonte-
 Co' a robusta presença: tem defronte
 O demandado rio, que já vira,
 E notára em seu sonho: então se admira-
 Inda mais Albuquerque, e-crê que a idéa
 Em um fingido objecto se recréa,
 Figurando por força do costume
 O rio, e a serra, que encontrar presume.

Alegre se encantára nesta vista,
 Mas notou (triste horror!) que da conquista-
 Embaraçava a entrada, o vil partido
 Dos conjurados chefes; produzido
 O exemplo do retiro de Fernando.
 Tanto se atreve o insolente bando!

Encheo-se de tristeza, e o genio activo,
 Que attende á protege-lo, logo um vivo
 Esforço communica ao nobre peito.
 Antes que em fumo, ou ar võe desfeito-
 De tanta idéa o quadro portentoso;
 Quer declarar em tudo o misterioso-
 Theatro das imagens: vós agora
 Influi-me uma voz alta, e sonora,
 Nynfas do patrio rio, com que eu possa
 Cantar na gloria minha á gloria vossa.

Notas do quinto Cantô.

(1) *De um certo religioso.* Cujos nome, e religião se não declara, como também de outro mais, os quaes associadamente, e de mão communem maquinarão as primeiras desuniões que houverão entre os Paulistas, e os filhos de Portugal vulgarmente chamados *Buabas*; meditarão estes dous espiritos sediciosos fazer estanco da caxaca, e do fumo, generos muito necessarios ao paiz, principalmente naquelles principios do descobrimento das Minas; por que com elles se divertia o grande trabalho, e fadiga dos negros, indios, e bastardos, que são uma especie de janisaros: não tardarão á portender o mesmo avanço á respeito das vendagens das carnes, que raramente entravao dos sevtões; á todo se opposerão os Paulistas: e daqui nasceo o grande odio, que lhes forão concebendo todos aquelles, que pôde reduzir a malicia dos dits dous religiosos; vindo finalmente a profazer-se uma total discordia entre uns, e outros vassallos; que obrigou á tomarem-se reciprocamente as armas, e se concluiu com o ataque dado sobre a fortaleza, que haviaõ erigido os Buabas, fronteira á villa de S. João d'El Rei no anno de 1710. Morrerão da parte destes oitenta homens dos sitiados; forão muitos os feridos, e não perderão os Paulistas mais de oito, sendo os feridos muito poucos: era chefe dos Paulistas Amador Buene, e dos Buabas Ambrozio Caldeira Brant, o qual os havia desafiado por carta, que enviou á S. Paulo, e se acha registada nos livros da Camara daquella cidade n.º 2708 pag. 241, datada em 19 de Novembro de 1709 do Rio das Mortes: durou o combate quatro dias, e quatro nontes; delle se lê uma fiel relação em um Diario, que escreveo certo anonimo com o titulo — *Forasteiro curioso* dedicado ao padre Guilherme Pompeo de Almeida em 1710; o padre Manoel da Fonseca da sociedade denominada de Jesus da Provincia do Brasil na vida que imprimio do padre Belchior de Pontes, escreve tambem esta guerra dos Paulistas, ainda que com alguma desafeição á elles; podendo convencer-me do contrario das suas proposições o termo, que se lavrou na Camara de S. Paulo em 22 de Agosto do anno de 1709, pelo qual se obrigarão os Paulistas á marchar com o seu exercito ao fim de segurar-se o real quinto nas Minas, e se submeterem á paz, e obediencia os vassallos de Portugal, que nellas se achavão postos em rebelia; desta resolução derão algumas provas, como foi não offenderem a alguns, que encontrarão de volta para a cidade do Rio de Janeiro no porto de Parati, e igualmente castigarão em caminho á um escri-

vo., que havia roubado um filho de Portugal, e lle mandaram restituir o fructo: de tudo faz menção o padre Fencosa; e o termo, de que se trata, se acha registado nos livros das mercanças ll.º 1701 pag. 129, 130, 136.

(2) *De evitar as justicas.* Havia consultado os rebeldes que por oito, ou nove annos destructassem as Minas, não consentindo governadores, e justicas nellas, e sustentando-se como uma republica á seu arbitrio, e que ao depois se não alcançassem a perdão d'El Rei, se passariam facilmente para as Indias de Hespanha: nisto volavam com maior efficacia os desertores da praça da Colonia, de que habitava um grande numero nas Minas, sendo seu principal chefe Antonio Francisco, que Manoel Nunes Vianna havia nomeado mestre de Campo, logo que arrojou o governo: fora o dito Antonio Francisco soldado na companhia de Manoel de Souza, que acompanhou ao heróe na sua entrada com o posto de capitão da guarda; ao seu conselho se deveo á redução do dito vassallo no encontro, que com elle teve no sitio chamado Venda Nova, distante quatro leguas de Villa-Rica.

(3) *Pedrozo.* Jeronimo Pedrozo, e Valentim Pedrozo irmãos, e naturacs da villa de S. Paulo, forão estes os primeiros, que derão principio ao levantamento no arraial do Cacche, hoje Villa-Nova da Rainha.

(4) *Arbitraria, e fantástica.* Por conselho de um dos ditos religiosos se fingirão ordens rogias para se recolherem todas as armas dos Paulistas á um armazem publico a pretexto de necessidade commum, que figuravão; reputando-se rebelde todo aquelle, que repugnasse obedecer: tomadas as armas, forão presos dous Paulistas, os mais poderosos, e de quem mais se deveria temer, que forão Domingos da Silva Rodrigues, e Bartholomeu Bueno Feio. Com as prisões destes se intimidarão os outros, e brevemente se derramou por todos a noticia, ou falsa, ou verdadeira de um massacre, que lhes estava fulminado para certo dia, com ordens repartidas em segredo aos cabos de cada um dos districtos: fugirão, e desertarão a maior parte dos Paulistas; e em consequencia acconteceo o horrivel caso de Bento do Amaral Coutinho, que surpredeo no Rio das Mortes, no capão ainda chamado da traição, a um troço de Paulistas, que se haviam retirado para S. Paulo, de que era cabo Gabriel de Góes, o qual havia servido á El-Rei na conq. ista dos Palmares, e occupava o posto de capitão de infantaria na praça da Bahia. Jurou pela Santissima Trindade o pessimo Amaral deixar saber em paz os sitiados, com tanto que largassem as armas:

mediou neste concerto um Paulista velho por nome João Antunes parente do cabo Gabriel de Góes: a sinceridade dos Paulistas os capacitou á entregarem as armas, e para logo sem algum respeito, ou excepção foram todos mortos, e roubados por Amaral, e seus sequazes.

(5) *Calou.* Por que senão escandalise a piedade de alguns ouvidos, que se produzão nesta acção por chefes dos tumultos, e das rebeldias dous religiosos, e principalmente um, que mais se authorisa entre os sediciosos; lembra o author neste lugar a passagem de *Voltaire* na sua *Henriada* Carl. 5.

*Mais souvent avec des vains flatteurs
Repandus dans le siècle ils en ont pris les mœurs.
Leur sourde ambition n'ignore point les brigues,
Souvent plus d'un payz s'est plaint de leurs intrigues;
Ainsi chez les humains, par un abus fatal
Le bien le plus parfait est la source du mal.*

Quanto estes regulares fossem perniciosos na primeira povoação das Minas, o provão bem as cartas do Exm. conde de Assumar D. Pedro de Almeida: chegava este governador ao Rio de Janeiro com o destino de tomar a posse na cidade de S. Paulo, e conformando-se com as ordens de El Rei, de que vinha encarregado, consultou logo (e foi este o primeiro passo do seu governo) ao Exm. bispo D. Francisco de S. Jeronimo sobre os meios mais convenientes para desinfectar as Minas daquelles homens, allegando ser assim necessario—

Por constar ao mesmo senhor (são palavras formaes da carta escripta em 2 de Julho de 1717) que os ditos religiosos, esquecidos da sua obrigação, e do seu estado, e só lembrados dos meios, com que podem adiantar as suas conveniencias, não repáram em fazer venaes os Sacramentos, usando indecrosamente da administração delles mais para grangear interesses, que para edificação de catholicos, não sem grande escandalo da Christandade.

E accrescenta: —

Não faltando estes tambem á suggerir, e dizer publicamente nos pulpitos, que os vassallos de S. Magestade não tem obrigação de contribuir-lhe com os direitos, e mais despezas, que devem pagar-lhe.

Procura satisfazer o Exm. prelado á esta consulta, e responde: —

Que elle tem procedido contra os regulares assistentes nas Minas com excomunhões, de que elles não fizeram caso, dizendo que o bispo não era seu juiz competente, e que por consequencia não podião obstar-lhes as censuras fulminadas por elle.

Passa logo á aconsellar ao Exm. conde, para que prôva sobre os mais escandalosos; mas elle lhe replica, nestas palavras: —

Como esta differença só se devia entender com os mal procedidos, difficilissima empreza será distinguir nas Minas uns dos outros; por que por qualquer lado estão todos com máo procedimento; pois se algum ha, que viva com menos escandalo, e se não engolfe em tractos illicitos, e profanos, poucos são, os que não vivam mui alheios do seu instituto, e em tractos, e commercios indignos do seu character, e eu tenho para mim, não ha frade, que venha ás Minas, que não seja para usar da liberdade, que nos seus conventos tem supprimida.

Tudo se lê com individuação no livro n.º 7.º das cartas, e ordens do dito governador, que se guarda na secretaria do governo das Minas Geraes nas cartas datadas no Rio de Janeiro, e villa do Carmo á 2 de Julho de 1717 pagina 1.ª: a de 9 de Julho de 1717 pag. 4.ª, e a de 16 de Maio de 1720 pag. 232.

(6) *De um Indio já cançado.* Retrato natural dos Indios do paiz na sua creseida idade.

(7) *Está diante.* Continente das Minas.

(8) *Logo uns homens.* Conquistadores dos sertões.

(9) *Passa este quadro.* Laboriação das Minas por Indios, e negros.

(10) *Disperso o sangue.* Expulsão dos Paulistas pelos annos de 1709 para 1710.

(11) *Correndo á rdeca solta.* Confusão, e desordem, em que ficarão as Minas sem governador, e justiças postas por El-Rei.

(12) *Bem que se justifique na apparencia.* Para claresa deste verso se faz necessario ao author repetir aqui, ou transcrever as clausulas de uma carta do conde D. Pedro de Almeida escripta no Rio de Janeiro ao marquez de Anjeja, seu Tio, e vice-rei do estado, datada em 6 de Julho de 1717 ibi—

No tempo de D. Fernando Martins de Mascarenhas, (fallava de Manoel Nunes Vtanna) elle foi aquelle, que os povos sedusidos por elle com notoria rebelião o levantáráo por governador resistindo ao dito D. Fernando contra as ordens de S. Magestade, affectando o seu maior serviço.

Esta carta se acha registada no dito livro n.º 7.º pag. 3, e para confirmação de tudo, o que á este respeito se pode entender da conducta deste homem; e de quanto elle se pro-

tendia fazer necessario ao rei subsistindo no governo, que arrogara á si, bastará ver-se a real ordem de 30 de Maio de 1711 que manda restituir aos Paulistas as Minas, e que se lhes entreguem suas fazendas, e lavras; fazendo o mesmo senhor avisar aos camaristas de S. Paulo desta sua real ordem por carta de 6 de Setembro de 1711, e já na ordem de 22 de Agosto de 1709 mandára S. Magestade perdão aos *Buabas*, excepto aos dous cabeças do levantamento Manoel Nunes Vianna, e Bento de Amaral Coutinho, aos quaes pretendia castigar, ordenando, que á esse fim, se entendesse ser necessario algum soccorro das tropas, o pedisse o general ao presidio da Bahia: tudo se póde ver nos registos da camara de S. Paulo no livro, que delles serve no tt.º 1708 pag. 25; onde se acha a carta de governador Antonio de Albuquerque, que poz totalmente em socego aos Paulistas; quando reparavão as forças para tornar sobre as Minas, datada no Rio de Janeiro em 26 de Fevereiro de 1710. Então foi que o dito governador em nome de El rei offertou aos Paulistas um retrato do mesmo senhor, significando, que por aquelle modo os visitava, e lhes vinha segurar a sua protecção. A noticia destas ordens, e cartas não chegou individualmente ao escriptor Sebastiao de Pitta Rocha, alias não escrevêra tão dissonante da verdade. O padre Manoel da Fonseca, já citado em outra parte, tocou ainda que affecto da mente, este passo no cap. 33 pag. 219 da vida do padre Belchior de Pontes.



Canto sexto.

Na diafana maquina presente
 (Diz Filoponte) todo o continente
 Vês, Albuquerque, das buscadas Minas.
 São estas, são as regiões benignas,
 Onde nutre a perpetua primavera
 As verdes folhas, que abraçar podera
 Em outros climas o chuvoso inverno.
 Dos mesmos Deoses o poder eterno.
 Não se atrevera á combater os montes,
 E as serras, que em distinctos horisontes.
 Murando vão pelos remotos lados
 Mares, e lagos, com que ao sul marcados.
 Seus limites estão; a forma, o nome.
 Varião serra, e rio, e sem que tome
 Firmeza alguma o prolongado vulto,
 Sempre o principio te hade ser occulto,
 Quando chegues ao fim do rio, ou serra.

Levados de fervor, que o peito encerra
 Vês os Paulistas, animosa gente,
 Que ao Rei procurão do metal lusente
 Co' as proprias mãos enriquecer o erario.
 Arzão é este, é este o temerario,
 Que da Casca os sertões tentou primeiro:
 Vê, qual despreza o nobre aventureiro,
 Os laços, e as traições, que lhe prepara
 De cruento gentio a fome avára.

A' exemplo de um contempla iguaes a todos,
 E distinctos ao rei por varios modos
 Vê os Pires, Camargos, e Pedrosos,
 Alvarengas, Godocs, Cabraes, Cardosos,
 Lemes, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,
 E os outros, que primeiro assignalados
 Se fizeram no arrojô das conquistas,
 O' grandes sempre, ó immortaes Paulistas!
 Embora vds, nynfas do Tejo, embora
 Cante do Lusitano a voz sonora
 Os claros feitos do seu grande Gama;
 Dos meus Paulistas honrarei a fama.
 Elles a fome, e sede vão soffrendo,
 Rotos, e nus os corpos vem trazendo,
 Na enfermidade a cura lhes falece,
 E a miseria por tudo se conhece;

Em seu zelo outro espirito não obra
 Mais que o amor do seu rei: isto lhes sobra,
 Abertas as montanhas, rota a serra,
 Vê converter-se em ouro a patria terra,
 O Ethiope co's Indios misturado
 Eis obedece ao provido mandado
 Dos bons conquistadores: desde o fundo
 De ouro, e diamantes o paiz fecundo
 Produz as grandes, avultadas sommas.
 Tú por empresa, nobre engenho, toma
 Fabricar inda o esferico instrumento, (1)
 Que o trabalho fará menos violento.

Já dos rebeldes o esquadrão ferino
 Se conjura a fazer o roubo indigno;
 Tomando outro partido esses, que devem
 Respeitar um só rei: impios se atrevem
 A lançar desde os lares, que tem feito
 Os miseros vassallos: o preceito
 Intimado na voz do rei lhes tira
 As armas, um, e outro se conspira,
 E em varios choques, em ataques varios
 Ou morrem já, ou buscão solitarios,
 E fugitivos o seu patrio berço.

Ide infelices; o animo perverso
 Cessará uma vez de maltratar-vos:
 O rei sabe puni-los, sabe dar-vos
 Justa satisfação, justa vingança.
 Sobre elles vem Fernando; mas o alcança
 Inda o furor da levantada gente;
 Volta á munir-se o capitão valente,
 E á vosso beneficio já protesta,
 Fará cahir ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos
 Se vão juntando, e vem correndo os grossos
 Esquadrões, que pretendem desde a serra
 Fazer aos impios a sangüinea guerra;
 Mas tú succedes, Albuquerque invicto,
 No bastão á Fernando; o rei prescripto
 As ordens te tem já, por que temperes
 O orgulhoso furor: não consideres
 Tão segura porem a tua entrada:
 A vil conspiração mal apagada
 Inda ao longe te forja, e te fulmina
 Nos levantados chefes a ruina.

Tens ao teu lado a provida influencia
 Do patrio genio; contra uma violencia
 Outras suscitarei, lá desde o seio
 Das mesmas Minas, um incendio ateio
 Nos illustres Perciras: estes passão
 A' disputar c'os outros, e se enlaçãõ
 Em vingar os domesticos insultos.
 Vós, e os mais vossos passareis occultos,
 E desfarçados aos districtos, onde
 Dos rebeldes o numero se esconde
 Lá com vosco estarei, c... prosequia,
 Mas de uma, e outra parte concorria
 Buscando o heróe a comitiva, crendo,
 Que aos mattós se entranhára, e que perdendo
 Talvez o rumo duvidoso errava.
 Faria já com elles se ajuntava,
 E Garcia, que o rosto traz magoado
 Do successo infeliz, que tem notado.

Tudo desapareçe neste instante
 Ao assombro da nuvem que diante
 Da penha condensára, o genio astuto.
 Um choçoiro cerrado desde o bruto
 Cume da rocha se estendia, e nada
 Mais, que a sombra na lobrega morada
 Se deixa perceber por tudo, quanto
 Detivera ao heróe no estranho encanto.

Ao passo, que se assusta, e se entristece
 Das imagens, que vira, restabelece
 O espirito no amparo prometido
 Do genio, em quem contempla introduzido
 O influxo de alguma alta intelligencia,
 Que se encobre dos homcns na apparencia.

Alegre sahe da nuvem, que desata,
 E no arcano mais intimo recata
 O que ouve, e vê, notando os companheiros,
 Que é isto, diz, chegastes moi ligeiros,
 Vós, padre, e vós, Garcia? a vossa empreza
 Talvez se conseguiu com mais presteza,
 Do que eu tinha esperade: em doce laço,
 Dizei, já vive Aurora? vive Argasso?

Ah! senhor, diz Fialho, (que Garcia
 Os olhos rasos d'agoa mal podia
 Fallar, e quasi absorto o heróe sauda.)
 O caso é taõ funesto, que na muda

Magoa só pode cabalmente ouvir-se.

Sabimos ha seis dias; descobrir-se
 A aldeia pouco já se começava;
 Aos acenos de Argasso festejava
 O Monaxós alegre a nossa vinda;
 Não tardou de saber a fera Eulinda
 Rival de Aurora, o firme pensamento
 Da meditado Santo Sacramento;
 Conspirou em seu damno, e de ira cheia
 A cóva foi buscar de Therifea;
 Esta a superstição teve por nome:
 Innocentes meninos traga, e come;
 Dous arrancados dos maternos peitos
 Lhe leva a crua indiana; ella desfeitos
 Os tem já entre as presas aguçadas:
 Eu vi (2) (contou algum) que suffocadas
 As cans estavam de seu sangue, e quentes
 Bretavam de entre os beijos as correntes.
 Do destroço fatal contente a velha
 Nas victimas, que Eulinda lhe aparelha
 A' dar-lhe ajuda alegre se convida.

A' instancias de Garcia está rendida
 Em breve instante Aurora; nem se assusta
 Ao proposto himenno, e crê que é justa
 A persuasão, ao ver, que a faz Garcia.
 Do antigo amor de todo se esquecia
 Um e outro; e a virtude só pretendem
 Aeroditar no estimulo, que accendem
 Dentro em seus corações, de propágada
 Vêr uma vez a religião amada.

Ao Indio instruo nos misterios santos
 Da orthodoxa doutrina; e lengo encantos,
 Superstições, e magicas, ja creio,
 Que tenho descoberto nelle um mcio
 De derramar por entre os mais a cura
 Da radicada antiga desventura.

Contentes andão todos pela aldêa,
 Festejando o consorcio, qual passêa,
 Calçados pés, e mãos de varias plumas,
 Qual faz soar o apito, (nem presumas (3))
 Que se ignora da musica o concerto
 Entre os crus Monaxós) já vinha porto.
 O dia ao carelão destinado;
 O cacique do amor estimulado,

Que tem pelos seus hospedes, destina,
 Que divididos vão pela collina,
 E que desçam ao valle, os que destreza
 Tem no dardo, e na flexa; encher a meza
 Intenta com a caça, que sepulta
 Nos seus seios a gruta mais occulta,
 Brindar quer os mais Indios deste modo,
 Convida desde já ao povo todo.

Elle proprio á fadiga não se nega,
 Arremessa-se ao matto, Aurora pega
 No seu arco tambem; todos se atirao
 Ao fundo espesso, e pelas brenhas girão.

Therifea a occasião julga opportuna,
 Poem os olhos no Ceo, alta columna
 Levanta, e firma em terra; já sobre ella
 Se ergue, e murmura, e nota cada estrella
 Com o dedo, depois descê, e riscando
 Muitas veses em roda, vai tocando
 A columna, que treme, e que se move:
 Tolda-se em sombra o ár-troveja, e chove:
 E o tronco de entre a nuvem, que o cobrira,
 Sahe figurando um tigre, que respira
 Fogo, e veneno pelos olhos; passa
 Com elle ao monte, e o guia onde a caça
 Se tenta, e busca: aqui dormia Aurora;
 Dormia; e junto aos pés branda, e sonora
 Fontesiurba e repouso convidava;
 O peito em grande parte debruçava
 Sobre uma penha, e ao gesto brando, e lindo
 De encosto o molle braço está servindo.
 Chega a Maga cruel, poem-lhe diante
 A fêra, que conduz, e ao mesmo instante
 Se occulta em parte, onde o successo veja:
 O cuidado de a ver, ou fosse a inveja
 A'quelle sitio encaminhava os passos
 Do destemido Argasso; entre embaraços
 De mal distinctos ramos já descobre
 O mosqueado ligre, ao braço nobre
 O cré de-pojo, e de mata-lô espera,
 Firme o pé desde longe aponta a fêra,
 E atraz paxando o braço a setta envia,
 Que vai cravar no monstro a ponta fria.

Corre gritando, ó Ceos, e vê passado
 Dê Aurora o peito; em vão busca assombrado

O tigre, que não ha: já desfalece
 A pouco; á pouco a bella: a magoa cresce.
 No misero homicida, clama, e grita,
 A róo os Ceos, e contra os Ceos se irrita,
 Ntem mais a vida, que estimára preza;
 Arroja o arco e á infeliz belleza
 Consagra de seu corpo o ultimo resto.
 Amor disse cruel; pois que funesto
 Foi o fim de um principio tão ditoso,
 Pois que cortaste o vinculo gostoso,
 Que a dita, a mesma dita ia tecendo,
 Bem que o innocente impulso inda estou vendo,
 Que animou este braço; acabe o peito,
 Onde elle se forjou; róto, e desfeito,
 O véo, que cerca esta alma, olla se aparte.
 Indianna adorada, ou á pagar-te
 Com seu eterno pranto a dura offensa,
 Ou á pôr de teus olhos na presença,
 A magoa enfim de um erro involuntario.
 Disse; e trepando a penha, ao chão contrario
 Desesperado já se precipita.

Therisá de longe aos Indios grita,
 E alegre da victória deixa o monte;
 Não ha, quem visse, ou quem a historia conte:
 Mas da homicida barbara informada
 Já torna Eulinda; furiosa brada
 A' aldeá, por vingar tanta maldade,
 Sobre nós faz cahir a atrocidade
 Do delicto, e abrasando a aldeá inteira
 De occulta chama, que atcou ligeira,
 Ministros nos fez erer deste attentado:
 A fuga nos salvou, nem avisado
 Serias de um tão tragico successo
 Se de Argasso um rival, que á tanto preço
 A Eulinda amava, então não descobrira
 Tudo o que a Eulinda, e a Therisá ouvira.

Calou Fialha: em vão susteve o pranto
 Albuquerque; e notando que o quebranto
 De Garcia á rende-lo se avancava,
 Consolando seu mal, assim fallava:
 Jámais se vio segura uma alegria,
 Nem estavel jámais pode algum dia
 Sustentar-se a fortuna de um ditoso:
 Espere sempre o inverno procelloso
 Aquelle, por quem passa a primavera:

Amor, que em brandas almas só podera
 Empregar toda a força de seus tiros,
 Fará, que troque as glórias em suspiros
 Aquelle, que em vão crêra aos desencanos;
 O' vós, felices, vós, que os doces annos
 Entrogaes á virtude, eu vos agouro
 O sempre immarcessivel, fresco louro,
 Que vos hade levar na longa idade
 Muito além da cançada humanidade.

Fim do sexto Canto.

(1) Na era de 1711 se vio praticado o invento da rôda por um clérigo, vulgarmente chamado o *Bonina suave*. Todo este canto se deve entender pelo que fica escripto no fundamento historico, e pelas notas, de que se illustra o canto 5.º

(2) *Eu vi. Vidi egomet duo de numero cum corpore nostrâ etc.* Virg. *Æneid.*

(3) *Nem presumas.* Os Indios da costa do Brasil; ainda que barbaros, não desconhecem a musica, e a dança: estas singularidades forão mais bem notadas nos da nova Hespanha, como nota Juan. de Torquemada *Monarch. Indianna* tit.º 13 cap. 26 et seqq. tom. 2.º, e outros.



Canto setimo. ()*

A madre de Memnon dourava a terra,
 E já se descobria uma alta serra
 Com tres dias de marcha; de Itamonte
 O carregado aspecto está de fronte;
 Não repugna do heróe a nobre entrada,
 Mas tem presente ainda a retirada,
 De Fernandô; inda vê de sangue tinto
 O campo; e nota o odio mal extincto
 Dos infames, rebeldes, conjurados.

Embaraçar pretende os apressados
 Passos, que vem trasendo, e quer primeiro
 Co' a vista de um obsequio lisongeiro
 Demorar a Garcia: teve o indulto
 Este vassão de avançar-se occulto,
 E entrar na povoação, notando o estado
 Da levantada gente: era chegado
 A' margem de um ribeiro; e os olhos tendo
 Mal enchutos ainda, se está vendo
 Na prisão insensivel de um encanto,
 Que enfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

Uma voz se lhe finge, que feria
 Os áres docemente; e assim dizia:
 Saudoso ribeirão, mancebo infausto,
 Se já perdida a pompa, a gloria, o fausto,
 Em pequena corrente convertido
 Vás regando este valle: o teu gemido
 Não accuse de Eulinda o brande peito;
 Talvez amor tiranno á teu respeito
 Quiz, que eu fosse cruel, e involuntario;
 Seguiu meu pensamento esse contrario
 Influxo das estrellas; eu te amava,
 E dentro da minha alma protestava
 Não render o troféo desta belleza
 Mais, que aos suspiros teus, e á chama accesa
 De amor, que nos teus olhos percebia.
 Apollo, o ingrato Apollo é, que devia
 Ser contigo mais brando, e mais propicio.
 A culpa é só de Apollo; o sacrificio,

(*) Todo este canto allude á fabula do ribeirão do Carmo, de que se faz menção no canto 1.º, e se transcrevem alguns versos della.

O voto, que elle fez ao Deos tiranno,
Tudo emfim se ajuntou para o teu damno.

Talvez: não conhecia eu, desgraçada,
Que eras tú, o que então com mão armada
Me estavas d'esperar lá perto á fonte.
Este aleivoso Deos, para que conte
Da minha história a triste desventura,
Depois que presa a minha formosura
Entre a nuvem levára enganadora,
Faltando á toda a fé, me ordena agora,
Que eu torne ao patrio berço, convertida
Em nymfa destas agoas, passe a vida
Entregue sempre á miseros lamentos.
O', e quem crê de um Deos nos juramentos!

Aquí o teu sussuro estou ouvindo,
E nelle a tua queixa inda sentindo,
Quando escapada aos amorosos laços,
Dizer-te escuto: *Onde á meus ternos braços,*
Onde te escondes, - onde, amada Eulina,
Que tanto estrago contra mim fulmina?

Aqui teu duro mal percebo, e noto,
Quando do agudo ferro o peito roto
Dás a cega ambição em copias de ouro.
O que roubaste misero thesouro
De Itamonte, teu pai, que não sabia,
Que á seus cançados annos deveria
Succeder um tão funebre desgosto.

Cheio de magoas te estou vendo o rosto,
Com que accusas o humano atrevimento,
Quando lhe accordas o furor violento,
Que faz de Polidoro a desventura,
O' ambição, ò sedê, ou fome dura!

Ouve Garcia o canto, e não atina
De onde tanto prodigio, mas de Eulina:
A delicada face está patente:
Fita os olhos; e vê desde a corrente
Lançar a mão á praia a nymfa bella,
Toma uma arêa de ouro, e já com ella
Polverisa os cabellos: neste instante,
O sonho de Albuquerque o faz avante
Passar, os braços abre, a nymfa chama;
Ella o vê, e não teme, e já se inflama
De amor por elle; aos braços o convida,
E abrindo o seio o rio, uma lusida

Urna de fino marmore os sepulta,
 Recebendo os em si: ficou occulta
 A maravilha á quantos o acompanhão;
 Em busca de Garcia já se entranhão.
 Pelos mattos mais densos, mas perdida
 A esperanza de achá-lo, e recolhida
 Volta ao heróe a esquadra aventureira.

De inadvertido brinco acção grosseira
 Turbára neste tempo a comitiva;
 Querem que entre elles o partido viva
 De Europeos, e Paulistas, e já passa
 A' desafio em uns, o que foi graça.
 Conta-se, que por môda algum dizia,
 Que seguro cá si só não vai Garcia,
 Que só valor Europeo com pouco, ou nada
 Disputar do Paulista pôde a espada.
 Leva-se Borba de furór ardente,
 Empunha o ferro, atreve-se valente
 Ao mesmo tempo á rebater Pegado
 O colerico ardor; vê se insultado
 No respeito Albuquerque: oh lá, dizia,
 Os braços suspendei, de rebeldia
 E' este um signal claro; não se deve
 Tanto despique á offensa, que é tão leve. (1)
 Se ao Paulista de fraco alguém accusa,
 Elle de seus espiritos só usa,
 Quando a honra do empenho ao campo chama
 Não é valente, não o que se inflamma
 No criminoso ardor de á cada instante
 Dar provas de soberbo, e de arrogante.
 Os Europeos são fuccis neste arrojo.

Se justo, imaginaes, foi o despojo
 Das Minas, que lhes tirão; por que avaros
 Se pretendem mostrar, (bem que são raros
 Os que entre elles se arrastão da cobiça)
 Dizei, não pede a provida justiça,
 Que zele cada um, que guarde o reja
 O que adquire o seu braço, quando a inveja
 Lh'o pretende roubar? estás conquistas
 A' quem mais se deverão, que aos Paulistas?

Mas eu ponho de parte os argumentos,
 Que com substancia igual os fundamentos
 Fazem desta disputa assaz ligeira;
 Seguiremos a maxima grosseira
 Dos espiritos vis, que tem formado...

Nestas Minas um corpo levantado?
 Acaso um mesmo rei nos não protege?
 Uma só lei a todos nos não rege?
 Do tronco Portuguez não é, que herdamos
 O sangue, de que as veias animamos?
 Não faz communs um vassallo as glorias
 Do seu rei? Do seu reino? das victorias,
 Que um ganha, o outro perde, não alcança
 A todos o infortunio, ou a bonança?
 Somos nós dessa estirpe, que brotára/
 Do antigo Cadmo a barbara scára,
 Onde uns irmaos com outros pelejando
 O ferro no seu sangue estão banhando?
 Arbitro entre vós outros me conheço;
 Do Europeo, do Paulista faço apreço;
 E distinguindo em todos a virtude
 Não esperéis, que de projecto mude.
 Não faz a patria o heroe, nascem de aldeas
 Almas insignes de virtudes cheas;
 E nem sempre na corte nobre, e clara
 Ingenua serie, portentosa e rara
 Se vê de coraçoes, que se escaudecem
 Pela gloria sómente, e nella crescem.

Dizia; e ao mesmo passo de Pereira
 Um aviso chegava; de onde inteira
 Informação o heroe ja recebia
 Da sacrilega ousada rebeldia:
 Sabe, que ao longe os montes estão cheios
 Dos conjurados chefes; n'isto os meios
 Consulta de passar; e tem presente
 A imagem que no vidro transparente
 Formára o genio; de Garcia ousado
 Só quizera partir acompanhado;
 Por elle chama, e teme, e se entristece
 Ao vêr, que falta, e ápenas appareço
 Quem dê noticia, ou conte a sua ausencia.

Teme, que surpr'endido na violencia
 Ficasse dos rebeldes; resolvido
 Ja, tem partir sem elle; dó vestido,
 Que traja, militar, e rica banda
 Se despe; humilde capa dos hombros manda,
 E por tudo disfarça o alto respeito,
 Que inculca o aspecto; a todos no conceito
 Segura desta empresa, e lhes ordena
 Que em marcha vagarosa, entre a serena

Sombra da noite ao longe o vão seguindo;
 Parte, e encostado á serra vai subindo,
 Uma collina, que lhe poem defronte
 O pico, o grande pico de Itamontê.

Chegava o dia ao termo derradeiro,
 E ao valle vem descendo desde o outeiro,
 A sombra carregada; humilde tenda
 Aqui recolhe o heróe, como pretenda
 O interesse adiantar o seu partido,
 Bem que o genio á seu impeto escondido
 Tinha as idcas, com que o heroe salvava,
 Na mesma tenda á um tempo abrigo dava.
 O indigno monstro aos chefes levantados.

Todos em um congresso declarados
 Entre si practicando estão na vinda
 De Albuquerque, nem creem, que esteja ainda
 Tão proximo á chegar; longe o figurão,
 E muitas vezes protestando jurão
 De obriga-lo á voltar, a morte certa
 Promettiem, se o resiste: descoberta
 A Albuquerque: se faz deste modo
 A torpe idea do designio todo.

Recolhem-se á dörmir, e se recolhe
 Albuquerque tambem, que não lhe tolhe
 A constancia o temor, cauto pretende:
 Aos Pereiras juntar-se, e mais se accende
 No desejo de ver o bom Garcia,
 Que aos irmaos ja cre que passaria.

Cheio destes cuidados entregava
 Ao leito os lassos membros, e pensava:
 Em vencer da alta noite por diante
 O caminho. Eis o genio vigilante,
 Que o perigo immiuente está prevendo:
 Com seus influxos sobre o heroe descendo,
 Da mão o prende, e o guia á um sitio, aonde
 O escuro Caethé (2) de accordo esconde
 Um magnifico paço, em que destina
 Que tenha o heroe habitação mais digna.
 Aqui dos tres Pereiras o esperava
 O nobre ajuntamento, e protestava
 Cada um em seu nome, que faria
 Cahir por terra a infame rebeldia;
 Que de amigos, patricias, e parentes
 Tinha á seu mando promptas, e obedientes

Muitas esquadras, que traria ao lado.
Tudo agradece o heroe; mas tem pensado
Mover por arte, e por industria os povos.

Estamos, disse, em uns paizes novos,
Onde a policia não tem ainda entrado
Póde o rigor deixar desconcertado
O bom prelude desta grande empresa.
Convem que antes que os meios da asperesa
Se tente todo o esforço da brandura.
Não é destro cultor, o que procura
Decepar aquella arvore, que póde
Sanar, cortando um ramo, se lhe acóde
Com sabia mão a reparar o danino:
Para se radicar do soberano
O conceito, que pede a authoridade,
Necessaria se faz uma igualdade
De rasão, e discurso; quem duvida,
Que de um cego furor corre impellida
A fanatica idea desta gente?
Que a todos falta um conductor prudente
Que os dirija ao acerto? Quem ignora
Que um monstruoso corpo se devora
A si mesmo, e converte em seu estrago
O que pensa, e medita? ao brando afago
Talvez venha á ceder: e quando abuse
Da brandura, e obstinado se recuse
A' render ao meu Rei toda a obediencia,
Então porei em pratica a violencia;
Farei que as armas, e o valor contestem
O barbaro attentado; e que detestem
A' preço de seu sangue a torpe idea.
Disse; e deixando á todos a alma chea
De uma nobre esperanza, ja passava
A' saber de Garcia, nem lhe dava
Noticia d'elle algum dos tres Pereiras.

A' um fundo rio estavam sobranceiras
Espessas mattas de arvores copadas;
De seus ramos, quaes ja forão mostradas
Ao Treiano, que tenta o reino escuro,
Em vaas imagens pende o sonho; um duro
Tronco escolhera o genio; alli fizera
Em uma, e outra funebre quimera
Respirar o terror, forjar-se o susto.
D'alli manda, se espalhe á todo o custo
Uma, e outra illusão; partem voando

As fantasticas sombras, vão pintando
 Grilhoens, cadeas, carcere, supplicios,
 Degoladas cabeças; artificios
 Nunca inventados de instrumentos varios,
 Que estão ameaçando aos temerarios,
 E rebeldes vassallos a ruina:
 Confundem se os infames, e destina
 Cada um desde ja buscar o meio
 De pôr de parte o crime enorme, e feio,
 E acreditar aos pés do heroe, que chega
 A fé, com que ao seu rei se rende, e entrega.

Fim do setimo Canto.

(1) Esta era a paixão dominante no paiz; e se introduz o heroe á compo-la, pacificando a uns, e outros.

(2) *Caethé* quer dizer *matto-bravo* sem mescla alguma de campo.

Debaixo desta intelligencia se applica o verso de Virg.—
Ulmus opaca ingens etc.

Pode deduzir-se esta allegoria do conceito, que haviaõ formado os rebeldes antes da vinda de D. Fernando Martins Mascarenhas, que este governador trazia cargas de correntes, e ferros para os punir, noticia, que não pôde occultar o escriptor Sebastião de Pitta Rocha, pouco fiel nesta historia por falta de informação pura; ou talvez por affeição a algum dos chefes. Tudo o mais se pôde vêr no fundamento historico, em que fica elucidado este canto.



Canto oitavo.

Entretanto que o Genio se cançava
 Nesta empresa; o interesse fomentava
 Novas discordias; e do altar imparo
 Aos susurros de um funebre conjuro
 Subir fazia desde o horrivel centro
 Vorazes furias, e do abismo dentro
 A guerra atôa, que aos mortaes destroça:
 Tirão bravos leões unia carroça
 Em cujo assento apparecer se via
 Com v lto horrendo a infame rebeldia;
 Viboras os cabellos são, que estendo
 Sobre a enrugada testa; um Ethna accendo
 Em cada olho, e da bocca em cada alento
 O veneno vomita mais violento.

Tem por despojos á seus pés cahidas
 Purpuras rôtas, destroçadas vidas
 De reis de imperadores; vem cercada
 Da traição, e do engauo; e disfarçada
 Entre estes monstros com fingido rosto
 A hypocrisia tem seu throno posto.

Este idolo cruel, que se authorisa
 Mais entre os outros por que estraga, e pisa
 Com mudo pé dos grandes as moradas;
 Tendo á seu lado as furias convocadas
 E entrando em parte ja c'o a rebeldia,
 Ao nome do interesse assim dizia:

Sei, que vacilla o teu arrojô, e vejo
 Que muito alem do natural desejo
 Vão correndo as cançadas diligencias
 Com que até aqui no esforço das violencias,
 Quizemos impedir a triste entrada
 Desse heroe, que nos traz ameaçada
 Toda a ruina de uma longa idéa.
 Se talvez sombra vam não lisongea
 Meus altos pensamentos, eu discorro,
 Que á mim me toca só dar o socorro
 Ao decadente impulso desta empresa:
 Não sei, de que triumpho na certeza
 Eu me prometto um dia a segurança
 De uma eterna pacifica bonança.
 Se passou Albuquerque, e tem rompido
 Ao centro destas Minas, destruido

Eu verei de uma vez o seu projecto.
 Tomo á meu cargo simular o aspecto
 De uma vendida sujeição, levando
 Na lisonja encoberto o insulto; e quando
 Elle acredite mais nossa obediencia
 Farei que rôta a mascara, a violencia
 Dentro dos nossos braços, o accommetta;
 Que morra á frio sangue, ou que se metta
 A's brenhas fugitivo, e busque a estrada,
 Que lembra de Fernando a retirada.

Assim fallava a torpe hypocrisia,
 O engano c'o a traição ja se-lhe unia,
 Approvava o interesse á idea insana,
 A rebeldia se gloriava ufana;
 E por todos o alento suscitado,
 Se alegrão crendo ja executado
 Tudo, quanto entre os Farias se medita.

Vão buscando os chefes, corre, e grita
 A infame esquadra de uma, e outra furia,
 Pouco se affligem da passada injuria.
 Cortao desde o seu templo os crespos ventos;
 E ao halito nocivo, aos pestilentos
 Influxos, que derramão, se enche tudo
 De serpentes, de feras, que de agudo
 Veneno tem a fauce inficionada.

Talvez não viste tu, Libia abrasada,
 De monstros mais coberta a tua arêa,
 Quando o neto de Accisio alli semêa
 O sangue da cabeça, que cortára
 O ferro, de que a Deosa a mão lhe armára.

Mas ja, Garcia amante, me convidas
 A descrever as horas entretidas
 Nos braços, á que Ealina te trouxera.
 Dentro da mansa, e deleitosa esfera
 Do peregrino rio entrado havia
 O mancebo feliz, e ja se via
 Pisando de uma sala o pavimento.
 Por tudo reflectia o luzimento
 Da riqueza, que os tectos esmaltava;
 Sobre columnas de cristal estava
 Sustentado o edificio: dellas pendem
 Laminas de ouro, onde seu rosto accendem
 Em vivo resplendor varoens egregios;
 Da fortuna, e do tempo os privilegios

Inculção dominar . nas mãos sustentão
 As insignias do mando , e representão
 A regia anthoridade : em cada testa
 Reverdece o lourel , que manifesta
 A duração da immarcessivel fama.

Eulina , que Garcia ao lado chama ,
 Em um assento de ouro marchetado
 Lhe tem junto á uma mesa preparado
 O brindes da mais rara formosura.
 Cem taças de ouro são , onde procura
 Mostrar-lhe aos olhos , quanto desentranha
 De mais precioso o rio , ou a montanha.

Cerrava um branco véo logo diante
 Uma estancia ; rasgou-se , e em breve instante
 Deixou vêr recortado junto á um monte
 O venerando rosto de Itamonte.
 Era de grossos membros a estatura ,
 Calva a cabeça , a cor um pouco escura ;
 De muitos braços , qual a idade vira
 Tyfeu , que a dura terra produzira.

Quasi á seus pés o corpo debruçando
 Sobre um punhal , estava trespassando
 O peito um gentil moço , da ferida
 Uma fonte brotava , que estendida
 Com as vermelhas aguas rega a arêa.

Eulina , que nas graças não recêa
 Competir c'ò a deidade que o mar cria .
 De transparente garça se vestia
 Toda de flores de oiro matisada :
 A cabeça de pedras tem toçada ,
 Deixando retratarei-se as estrellas
 Em seus olhos ; tão ricas , como bellas
 Muitas nyrfas em roda a estão cercando ,
 Nas lindas mãos nevadas sustentando
 Os thesouros que occulta e guarda a terra.
 (Tristes causas do mal , causas da guerra!)
 Nizêa em uma taça offerrecia
 Um monte de custosa pedraria ,
 Em que estão misturados os diamantes ,
 Co'as safiras azues , e c'os brillantes
 Topazios , c'os rubis , co'as esmeraldas ,
 Que servem de esmaltar essas grinaldas ,
 De que as nyrfas do rio ornão a frente.
 Em outra taça de metal luzente

Copioso monte apresentava Loto
 Por extremo formosa; desde o roto
 Scio do rio o loiro pó juntára;
 Delle costuma usar Eulina clara
 Para dar novo lustre á seus cabellos;
 Parece que a fadiga dos martellos
 Batera o mesmo pó coalhado ao fogo,
 Pois deixada esta taça, e olhando logo
 Para outra, que Licondra na mão tinha,
 Nella de barras mil um monte vinha,
 Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera
 A mimosa Leutippo: esta offertava
 Uma, e outra medalha, que cunhava
 Nas pequenas esferas de ouro fino.
 De varios caracteres peregrino
 Geroglifico alli se vê grayado,
 Onde a letra em tres riscos dividida
 Tinha estampa entre as outras mais luzida.

Do formoso espectáculo no meio
 De jubilos Garcia se vê cheio;
 As nyfãs o entretém, Eulina o prende,
 De Itamonte a grandesa mal entende,
 E do moço, que vê rasgando o peito
 Não sabe a historia; que se o doce effeito
 Provado houvesse do gostoso fructo,
 Que encontrára na Hysperia o Grego astuto,
 De si dos companheiros se esquecia,
 E transportado em outro ja se via.

Com a voz descansada lhe fallava
 O bom velho Itamente, e pois que a brava
 E inculta região das patrias Minas
 Tens pisado. ò Garcia, de ti dignas
 Sejam tuas acçoens: tu te atreveste
 Primeiro, que outro algum, e tu podeste
 Romper os muros, franquear o passo
 Do não tentado rio, (1) o fado escasso
 Contigo não será, tendo encoberto
 Por mais tempo o paiz, que traz incerto
 O teu grande Albuquerque; elle procura
 Peguer a capital, aonde a escura
 Sombra de um sonho lhe propoz defronte
 O carregado aspecto do Itamonte.
 Neste sitio elle está; alli se ajunta

Com os fortes Perciras e pergunta
 Por ti : o patrio genio o teu guiado :
 Deo lhe a mão, lá o pôz, allí prostrado
 Elle vê á seus pés esse, que ha pouco
 Levado de um furor insano, e louco
 Embargar pretendêra a sua entrada :

Por muitos annos sei, como ignorada
 Foi aos humanos esta serra : agora
 A tem tentado alguns, e nella mora
 Um corpo de Europeos, a quem occulta
 Tenho ainda os thesouros, que sepulto,
 Permite o Ceo que sejas o primeiro
 A' quem eu patentêe por inteiro
 Todo o segredo das riquezas minhas,
 Já desde quando no projecto viñas
 De encontrar as preciosas esmeraldas,
 Eu te esperava deste monte ás faldas.
 O Deos destes thesouros (2) impedia
 Até aqui descobri-los, e fingia
 Meu rosto aos homens tão escuro, e feio
 Por que confundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens, de que em meus braços
 Elle mesmo te ponha ; os ameaços
 Cederão de Itamonte ao teu destino :
 Vê pois, Garcia amado, o peregrino
 Cabedal, que possuo, e que pretendo,
 Cedas ao teu Rei : se aos olhos estais cendo,
 Não é fabula, não essa grandesa,
 Que tens defronte da preciosa mesa.
 Toda essa terra, que o descuido pisa
 Dentro em meus braços, crê, que se malisa
 Com o loiro metal, geral o fructo
 O nome de Geraes por attributo
 Estas Minas terão : vê os diamantes ;
 Elles vem de outras serras mais distantes,
 Mas tudo corre á encher os meus thesouros.
 Haode brilhar os seculos vindouros
 Com esta fina pedra ; em abundancia
 Vencerão os que vem de outra distancia,
 E do Indo será menor a gloria,
 Quando vir apagar sua memoria
 Nas terras, onde o sol ignala o dia,
 Do meu Jaquitinhoula (5) aonde fria.

Sobre grossos canaes ao alto erguidas

As correntes do rio e divertidas
 Da margem natural, darão entrada
 A' industriosa mão, que já rasgada
 Uma penha, e mais outra faz que a terra
 Descubra aos homens o valor, que encerra.
 De ti oh Rei, das tuas mãos só fio
 Romper o seio do empolado rio.

As pedras amarellas, e encarnadas,
 De que estão essas taças coroadas,
 Produz o Itatiaia, aquelle rio,
 Que vai buscar com placido desvio
 Outro, que de Guará, (4) purpurea ave
 Na lingua patria o nome tem suave;
 E juntando as correntes vai formando
 O grande Rio Doce: de Gualacho
 Nos futuros auspícios talvez acho,
 Que um pequeno ribeiro o nome guarda.
 Nas margens suas de nascer não tarda
 O grosso engenho, que decante um dia
 As memorias da patria, e de Garcia;
 Que levante Albuquerque sobre a fama,
 Que a villa adorne de triumphante rama;
 E dos patrios avós louvando a empresa
 Sobre o estrago dos annos deixe accesa
 A memoria de feitos tão gloriosos;
 Crescei para o cercar, loiros formosos!

As safiras azues produz a serra
 Do Itambé, tem rubis aquella terra
 Aonde em breves fontes a Iruoca
 Vê o rio (5) nascer; que as aguas toca
 Do grosso Paraguay: o Rio Verde
 D'aqui nasce tambem que o nome perde
 Entrando pelo Grande; estes unidos
 Vão formar com mais outros os crecidos,
 E agigantados passos, que desata
 Pela raia da Hespanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso crario
 Talvez que não permita o Geo contrario,
 Que outro mais que teu pai registre as Minas,
 Encubertas serão as pedras finas
 Por uma longa idade, e fatigadas
 Serão debalde as serras levantadas
 Do escuro Cuicthé onde se abriga
 O Botocudo infiel, gente inimiga,

Gente fôra, e cruel, que o sangue-bebe
Humano e encarniçado não concebe
Zelo algum pela propria natureza.

Todos estês thesouros, e a grandesa
De todas estas pedras determino.
Que por mão de um benevolo destino
Vao buscar inda a Iuza monarchia.

Desde o seio da terra á ver o dia
O marmore virá que aos Ceos levante
Edificios soberbos, a elegante
Mão do artifice, a villa edificada
Fará que sobre as outras respeitada
De Rica tenha o nome, derivado
Dos thesouros o epitheto presado.

Aqui chegava, e quasi enfraquecido
Tinha o vigor da voz, quando advertido
De Eulina arrebatado pensamento;
Com que o grande Garcia olha attento
Para as iragens que pendentes via;
Com que igualmente os olhos dirigia
Para o mancebo, que rasgára o peito;
Tomando a lira, e com suave effeito
Soar fazendo as cordas de ouro fino,
Em cadencias de um numero divino
De Itamonte lembrava a grande historia;
Contava, que emprehendendo por mais gloria
Os Deoses conquistar des o hemisferio,
Deixandó o Adamastor no vasto imperio
Das ondas lá do Atlantico Oceano;
O pacifico mar buscava ufano,
Que de um raio de Jupiter ferido
Fora em duro penhasco convertido;
Que um filho concebera de uma penha,
Que foi nympa algum dia; elle se empenha
Em contrastar de Eulina o peito ingrato;
Apollo opposto ao amoroso tracto
Lh'a rouba, e leva em uma nuvem; triste
O mancebo infeliz, ja não resiste
Ao rigor do seu fado: busca ancioso
Sobte um punhal o termo lastimoso
De tanta desventura, de piedade
Móvido o loiro Deos, ou de crueldade
Em fonte o converteo, e a cor trazendo
Do sangue, que do peito está vertendo,

Por castigo maior do fatal erro
 Sobre elle faz bater o duro ferro.
 Assim atado ao Caucasó gelado
 O ventre vê das aves devorado
 Em continuo tormento esse, que intenta
 De Apollo arrebatár com mão violenta
 O raio, que anima a estatua mada;
 Que tanto em fabricar seu damno estuda.

Tudo isto canta a nympha, e alegre passa
 A' dar á linda voz mais bella graça,
 Levando o rosto, e os olhos applicando
 Para as laminas de ouro, e reparando
 Em cada uma, concebe um novo alento;
 Aqui levanta, e exforça o accorde accento;
 E como se Itamonte lhe iudaira
 Do peito do gigante as vozes tira.

Fim do citavo Canto.

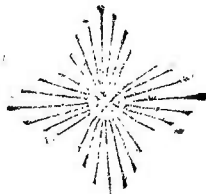
(1) *Do não tentado rio.* Este vassallo foi o que abriu a estrada real do Rio de Janeiro para Minas, e poz as passagens dos dois rios *Parahyba e Parahybuna.*

(2) *O Deos destes thesouros.* *Curupira.* Fabula é esta dos genios celebrada por verdadeira: presumem que ha nos matos uma divindade assim chamada, sem licença da qual havendo quem descubra algum thesouro, morre ás mãos della; e esta doutrina lhe prégaõ os seus paijés, que são o mesmo, que doutores.

(3) *Jaquitinhonha.* Rio, que atravessa o Serro do Frio, onde está estabelecida a extracção dos diamantes por contracto real pela lei de 11 de Agosto de 1753.

(4) *De Guará.* Entende-se o rio de Guarapiranga; este, o Gualacho, e outros muitos vão fazer barra ao Rio Doce, e discorrem pelas duas comarcas de *Sabará, e Villa Rica.*

(5) *Vê o rio.* Todos os rios, de que aqui se faz menção, discorrem por entre a comarca do Rio das Mortes, e raias da capitania de S. Paulo.



Canto nono.

-Materia é de cothurno, e não de socco,
 O que a nympha cantava; eu ja lè invoco,
 Genio do patrio rio; nem a lira
 Tenho tão branda ja, como se ouvira,
 Quando a Nize cantei, quando os amores
 Cantei das bellas nynfas, e pastores.
 Vão os annos correndo, alem passando
 Do oitavo lustro; as forças vai quebrando
 A pallida doença; e o humor nocivo
 Pouco á pouco destroe o succo activo,
 Que da vista nutrirá a luz amada:
 Tão pouco vi a testa coroada
 De capellas de loiro. nenr de tanto
 Preço tem sido o lisongeiro canto,
 Que os mesmos - que cantei. me não tornassem
 Duro premio, se á mim me não sobrassem
 Estimulos de honrar o patrio berço. (1)
 Deixara de espalhar pelo Universo
 Algum nome, deixara... mas Eulina
 Me chama: ja soava a voz divina,
 E aos bustos discorrendo, assim cantava:
 Aquelle (e no primeiro se firmava)
 Aquelle que na frente traz gravado
 O caracter de um animo empregado
 Em continuas fadigas, que inda sua
 Por entre a espessa brenha, e serra nua,
 Vencendo asperos riscos, e as correntes
 Dos rios, não cortadas de outras gentes,
 Mais que do hirsuto, e barbaro gentio;
 E' Rodrigo, que junto áquelle rio,
 Que acabas de pisar, a vida entrega
 A's mãos de uma obsadia infame, e cega.
 Em vão tentou ao rei dar novo augmento
 Das Minas no feliz descobrimento;
 Que atalhando seus passos duro fado
 Aqui lhe tinha a mna preparado:
 Em vez de rixos lirios, e assucenas
 Barbaras flores lhe derrama apenas
 Piedosa mão, se acaso monstro enorme
 Seu tumulo não pisa; e nelle dorme.

Arthur é, quem succede mais ditoso,
 Pois que attrahindo ao Borba generoso,

Que ao centro dos setecens se retirara,
 Com elle empr'ende vêr a terra avara,
 Onde jaz de Rodrigo a sepultura:
 Vê, qual próvida mão dar-lhe procura
 O luzente metal, que longos annos
 Se negára á fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo
 Difficilmente as redeas, se está vendo
 Entre os insultos da rebelde gente;
 Desde de longe o ameaça a bala ardente,
 A crua espada, e o punhal ferino,
 Se não volta, e obedece ao seu destino:
 E' prudente o varão; vê-se arriscado
 Sem armas, sem defesa, e profanado
 O respeito não quer, e a authoridade,
 Que sustenta do rei a magestade.

De vendar o mando a empresa toma
 O famoso Albuquerque, e a grande somma
 Dos thesouros, que lhe guardo, eu lhe preparo,
 Melhor, do que nos marmores de Paro,
 Ou nos polidos bronzes de Corintho,
 Elle o seu nome levará distincto,
 De uma vez as cabeças decepando
 Da hydra venenosa, que soprando
 Ainda o fogo está da rebeldia,
 Fará subir com nobre valentia
 De choupanas humildes á altas torres.
 Essas povoações, que haver discorres
 Desde esta margem a meu fundo centro,
 Quanto do seio meu se encerra dentro
 Liberal eu virei dar-lhe em tributo;
 Da grande copia do amarello fructo
 Os curvos lenhos em secundas frótas
 Irão levar ás regioens remotas
 As preciosas porções, que nunca vira
 Em tal grandesa o rei, que dividira
 As agoas do Eritreu, e desde o Thiro
 Ao claro Ophir vôu com longo giro.
 Do Carmo a villa, e a villa do Ouro-preto
 Formaráo das conquistas o projecto;
 Junto ao rio, á que as Velhas derão o nome,
 A terceira erguerá, que foral tome.
 Já vens cortando o mar para rende-lo,
 Magnanimo Silveira; do teu zelo
 Fia o rei, se adiante o novo emporio.

Em trinta arrobas de ouro faz notorio
 Por esta vez o povo o seu tributo;
 E agradecido o rei conhece o fructo
 Da tua persuasão, sem que a violencia
 Arrastasse os esforços da prudencia;
 Do teu antecessor seguindo a estrada
 Passas á vêr com gloria edificada
 A villa, que escondida o fado tinha
 Com o precioso nome da Rainha;
 E no distante Serro se levanta
 A outra, que do Principe se canta;
 Ditosas povoaçoens, que hão-de algum dia
 Encher de lustre a luza monarchia.

Creadas as tres villas, ja demarcas
 Os distinctos limites das comarcas:
 Dás com próvida mão leis, e moderas
 As discordias civis, ja consideras
 Domado o povo, e em successão gloriosa
 Ao claro Almcida entregas a custosa
 Porção das Minas do ouro, ò tu mil vezes
 Digno filho de Marte, que os arnezes
 Acabas de romper entre os Iberos;
 Que ousados braços, que semblantes feros
 Te não cabe aterrar! ao longe eu vejo
 Erguer-se a multidão, que em vão forcejo
 De attrahir, e render: vem arrastando
 Infames chefes o atrevido bando:
 Chegão, propoem, disputão: nem se nega
 Teo intrepido rosto á furia cega
 Do fanatico orgulho: oh! não se engane
 O vassalo infiel; bem que profane,
 Que ataque, e insulte a regia authoridade!
 Ao destroço da vil temeridade
 Será o campo theatro, e em sangue escripto
 Choraráo sem remedio o seu delicto.

Cahe a sublevação, e restabeleco
 Outro Almeida o real decoro; cresce
 A opulencia no estado; ubi Mello e Castro
 Da esfera luzitana feliz astro
 Ja succede ao bastão, que Almeida empunha;
 Deste heróe as virtudes testimunha
 Italia todo, e as suas glorias soma
 Cheias de tanto nome a illustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno

Successor de Galvêas; o benigno
 Ceo; que te envia á nós, de riso cheio
 O seu semblante inculca, ah! que do meio
 Do Guadiana te arrançou pendente.
 Ia vêjo, a espada, e vêjo a arêa quente
 Do sangue derramado! que destino
 Tão fausto para nós; já imagino
 Que eternos os teus dias lograremos,
 Dos Tritoeus sobre as costas levaremos
 Ao lizo Atlante nunca tão pesados
 Os reaes cofres: vinde, ó dilatados
 Sertoens, vinde montanhas, vinde rios,
 Chegai também, ó barbaros gentios
 Do bravo Caybá, do Matto-Grosso,
 De Piloens, de Goiazes, (2) vede o vossa
 Destro governador, que desde as Minas
 System a rêdea, e manda as peregrinas,
 E sabias direcçoens, com que reparte
 Em uma, e outra dilatada parte
 Sua pròvida mão, com que segura
 O bem do rei; dos povos a ventura.
 Já do pardo Uruguay (3) busca a corrente,
 O irmão o substitue; o sangue ardente
 Lhe lembra a imitação de heroicos feitos,
 Generosos Andradas, dignos feitos!
 Este alimpa os sertoeus, (4) da gente ociosa,
 Que do roubo se nutre: a deliciosa
 Margem do Rio Grande é povoada:
 Toda a larga campina, que pisada
 Fora do Gafre vil, do regio erario
 Ronda os tributos: pode o Ceo contrario
 Sim roubar-vos, ó Freires, mas na idade
 Hade ser immortal' nossa saudade.

Vês ora o grande Lobo: este caminha (5)
 Seguindo a serra, que lá tem visinha
 De Paulo a capital; impede os passos,
 Que o extravio, prompto aos ameaços
 Da guerra acóde; a terra fortalece.
 De militares tropas, e a guarnece
 De bellicos petrechos: já fundido
 Sahe da fornalha o bronze, e convertido
 Em raios de Vulcano atroa os montes.

Mas ai, que já do Tejo os horizontes
 Se vem escurecer! já deixa a praia

Aquelle herde saudoso, que se ensaia
 De verdes annos á ganhar victorias!
 Já nos demanda, e busca: nas memorias
 Seu nome impresso guardarão as Minas.
 O, e de que influencias tão benignas
 Seu governo não é! ao conquistado
 Quanto de novo tem accrescentado!
 Domesticas aldeas reconhecem
 A protecção do rei: já obedecem
 As distantes regioens; vem o Tapaya (6)
 Do escuro Guyethé, ou do Orucaya
 Beijar o sanctuario: qual se esconde
 Rio, ou montanha tão remota, aonde
 Não se investigue por seu mando o ouro?
 Que crime ha tão seguro, que ao vindoure
 Com o exemplo profane? ó singulares
 Dótes do conde meu de Valladares!

Assim cantava a nymfa arrebatada
 Do profético espirito dourada,
 E sonora trompa já se ouvia
 Entre um tropel de brutos, que feria
 A praia opposta; a luminosa sala
 Se ia negando aos olhos; já não falla
 Itamonte; e o mancebo já se esconde,
 E Garcia (oh prodigio!) se acha, aonde
 Ha pouco antes se achára, adverte, e nota,
 Que para alli com placida derrota
 Vem chegando Albuquerque, e os companheiros.
 Já festivos clarins pelos oiteros
 Se deixão perceber louvando a vinda,
 Em vivas tudo sôa; e corre ainda
 O mesmo bando, que turbára a entrada
 A' protestar a fé; já detestada
 A torpe idéa, que o arrastára um dia.

Alegre o heróe se abraça com Garcia;
 Alegres dão-se as mãos Borba, e Camargo;
 Conta o mancebo do feliz lethargo
 As horas; conta o heróe o que passára,
 Como um, e outro chefe alli o buscára;
 Como já com certeza achado tinha
 O sitio, aonde levantar convinha
 A capital das Minas: vem Fialho,
 Affirma, que seguindo um breve atalho
 O fundo registára de Itamonte;

Que vira o valle, e a saprazivel fonte,
 Onde de Eulina inda a memoria vive.
 Presente, diz o herde, tambem eu tive
 Toda esta noite quanto vio Garcia.
 O genio celestial, que pôde um dia
 Descobrir-me o segredo deste emporio,
 Tudo aos meus olhos, tudo poz notario;
 Vi este sitio, o valle, o rio, a serra,
 E os thesouros, que o monte ao longe encerra,
 Aquí entre estes povos se levante
 A villa, e ja passando mais ávante
 Se erija a capital: isto dizendo,
 Reparte as ordens: todos correndo
 A' um tempo, vao na fabrica luzida
 De um, e outro edificio! da ferida
 Que abria o ferro em um robusto lenho,
 Commodo á obra, por noticia teho,
 Que um cheiroso licor se derramava
 Da côr do sangue; absorto o herde estava,
 E vendo a maravilha, diz a Bueno:
 Acaso crera, que o paiz ameno
 Lembra o successo das irmans piedosas,
 Que inda chorão no Evidano as saudosas
 Memorias do abrasado irmao; coelhadas
 Assim se vêem as lagrimas brotadas
 Dos moles choupos. Bueno, que não perde
 A opportuna occasião do tronco verde
 Toma argumento; e diz: a antiga historia
 Desta arvore (?) eu á guardo de memoria
 Desde a primeira vez, que um indio velho
 Encontrai nos sertoes, e de conselho
 Saudavel quiz que eu fosse soccorrido.
 Nestes montes me conta que nascido
 Fora um mancebo; Blazimo era o nome
 Que a corrupção do tempo em vão consome
 De Balsamo guardando inda a lembrança.

Este tão destro em sacudir a lança,
 Como em matar ás mãos tygre ousado,
 Da formosa Elpinira namorado, ●
 E seguro no sceptro, que mantinha
 De trinta aldêas, que á seu mando tinha,
 A demandava esposa: disputava
 Argante um tal amor; a grossa aljava
 Dos hombros lhe pendia e sempre em guerra
 Fumar fazia a ensanguentada terra.

Elpinira, que causa se conhece
 De tanto estrago; entre ambos se offerece
 A' dar a mão ao que a ganhasse em sorte,
 (Por que caminhos não buscava a morte!)
 Convem os dois rivaes, e o pacto acceito
 Um dos dias do anno tem eleito,
 Em que o seu Paraceve (8) festejavão.
 Brancas e negras pedras ajuntavão
 Em uma concha; e em roda juntos todos
 Ao grande acto concorrem, varios modos
 Inventão ja de hailes, jogo, e dança,
 Coroando cada um sua esperanza.
 Preside às sortes o bom velho Alpino,
 Pai de Elpinira, e rei: vem o feriao
 Argante; pés, e mãos tendo cercado
 De verdes peanas, onde amor firmado
 Traz o presagio da victoria; a frente
 Blazimo adorna de um laurel florente,
 Que tecem muitas rosas animadas
 De suavissimo cheiro: estão sentadas
 Varias indias, cercando em torno a bella
 Elpinira, orna a testa uma capella
 De rosas, e folhetas pendem de ouro
 Das orelhas; por tudo um triste agouro
 Respirou: muitas arvores tremerão,
 Os passaros do dia se esconderão,
 Só os da noite sussurar se virão,
 Jurão, dando-se ás mãos os dois, e tirão
 Cada qual sua pedra; a branca expunha
 Sorte feliz; a negra testemunha
 A perda da consorte; está jurado
 Sofrer com paz, o que não for premiado.
 Blazimo vence; Argante se retira,
 E simulando a dor geme, suspira.
 Viva Blazimo, dizem: logo as vozes
 A Argante vão ferir, e tão atroz
 Passão á ser as furias em seu peito,
 Que desde aquelle instante faz conceito
 De vingar sua dor, roubando a gloria
 Ao mesmo, que o privára da victoria.

Com rosto disfarçado quer com tudo
 Lograr o golpe; um meditado estudo
 Lhe lembra a occasião, o sitio, e a hora
 De banhar toda em sangue a mão traidora:
 Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte

Nas vossas glorias, todo o esforço dar-te,
 E do engenho porci, por que se veja
 Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.
 Na minha aldeã, e entre os meus povos quero
 Festejar vossas nupcias: nella espero
 Dar-vos provas do gosto, e da alegria,
 Que me sabe trazer tao fausto dia.
 Alli de firme paz, e de alliança
 Farei novo concerto e da vingança
 Cederá de uma vez o vil projecto
 (O! dura força de um mentido affecto!)
 Aceita Alpino: Blasiino é contente,
 E Elpinira tambem, que seja presente
 Crê a ventana, que esperára ansiosa
 Tres dias pede Argante, e a insidiosa
 Idea lhe propoem um torpe meio
 De executar o damno sem receio.
 Manda alimpar a estrada, funda cava
 Faz abrir no mais plano, que abarcava
 Ambas as margens; desde o centro ao alto
 Mette a aguçada estaca, e quanto fatto
 De terra está, cobre de ramo brando;
 Sobre elle moles folhas vai deitando,
 Que a mesma terra estaipa, e ja figura
 A superficie igual, e limpa, e pura. (9)

Chega a terceira aurora; desde a aldeã
 Alegres vem sahindo, e os lisongêã
 Argante, tendo em frente aparelhado
 Do lugar da tração o costumado
 Baile, com que na paz se festejavão
 De muitos dos seus indios: ja pisavão
 A estrada os dois amantes: o pai vinha
 De um lado, e de outro lado da mão tinha
 Blazimo presa a idolatrada esposa,
 (Que triste vista, que illusão faustosa!)
 Todos diante vem; este o costume
 E' da nação, nem teme, nem presume
 Algum dos tres, e ainda o povo todo
 A ordida morte por tao novo modo.

Com Argante, e seus indios se avistavão,
 Em vivas desde longe se saudavão.
 Infelizes (que dor!) as plantas punhão
 Sobre a coberta cava, e ja suppunhão,
 Que os braços ao amigo se estendião,
 Quando passados os seus peitos viao

Das aguçadas farpas: volta Argante
 Colerico, soberbo, e triumphante
 Sobre os desprevidos que acompanhão
 Sem armas ao seu rei: todos se apanhão
 Presos das mãos das emboscadas; morrem
 Immensos indios; a fugir recorrem,
 Mas a gente, que ás costas lhe ficava,
 O resto, o infeliz resto destroçava.

Ja mortos os tres indios lanção terra
 Sobre os seus corpos; uma urna encerra
 O misero despojo: o Céu procura
 Vingar o grave horror; da sepultura
 Vê-se brotar uma arvore, que verde
 Cheiroso sangue: o caso se converte
 Em fabulosa historia; e se acredita
 Que Blazinio, a quem segue esta dosdita
 Das mesmas flores, de que a testa ornára,
 E do seu sangue a côr, e o cheiro herdára,
 E que o Céu testemunhos multiplica,
 Multiplicando os troncos; assim fica
 A tradição nos nacionaes guardada;
 O indio, que me conta a dilafada
 Historia; diz-me então, que mal segura
 E' sempre a fé, que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora
 Que alto misterio dissimula agora
 Em suas vozes Bueno; tem previsto,
 Quanto o nome do rei se vê mal-quisto
 Ent: e os chefes do povo levantado,
 E trazendo em memoria o ja passado
 Encontro adulator, que de Fernando
 Acobardára a entrada; então chamaudo
 Os membros principaes, que arrebatava
 A fanatica idéa, assim fallava:

Vassallos sois de um rei, que não vos deve
 O sceptro, ou a corôa; a origem teve
 Ja dos vossos senhores; por herança
 O reino augusto em suas mãos descansa.
 Sendo assim, bem sabeis, que é só tributo,
 E não dadiua vossa aquelle fructo,
 Que adquirem vossas forças; dou, que fosse
 Vossa a conquista; o seu dominio e posse
 Só cede ao nosso rei; causa commua
 Seja ella embora, é nossa, per que é sua.

Elle os seus braços para nós estende,
 Nos manda, e rege; e tudo comprehende
 O seu imperio na maior distancia;
 Nós juramos das leis toda a observancia,
 E do primeiro pacto não devemos
 Apartar-nos, pois nelle nós prendemos.
 Do castigo, e do premio elle confia
 Das minhas mãos o arbitrio; eu deveria
 Usar do meu poder; porem cedendo
 A' piedade o rigor, de vós pretendo
 Só dignas provas de obediencia para
 Não quero crer a sem rasão perjura,
 Que dominou em vós; a calumniosa,
 Torpe mentira, cuido que enganosa
 Fez voar tudo quanto é já notorio,
 Que tem feito a ruina deste emporio;
 Em fim perdão a todos o passado;
 Firma o rei o perdão, que tenho dado.

Conheço (o com Vianna só fallava)
 Que em vós, e em vosso peito dominava
 Um zelo justo pelas leis, que guardo;
 De dar as providencias já não tardo
 Sobre os dous impios, que influir poderão
 Nas discordias civis: elles se alterão
 Com a minha chegada, e vão buscando
 Estranhos climas, libertando o bando,
 Que attrahirão talvez, ou que arrastarão:
 Os poucos membros, que entre nós ficarão.
 Farei por conservar na paz, que espero,
 Mas da vossa obediencia a prova quero
 Mais solida, e mais firme; ao longo centro
 Dos sertoes passarei, e allí dentro
 Dos seus limites contorei seguros
 Na doce paz os animos impuros,
 Que os não manche outra vez o humor nocivo
 Da infame rebeldia; o braço activo
 Saberá, esgotando todo o empenho,
 Destroça-los, puni-los; mas que venho
 A' meditar; de vós tudo confio;
 De vós, do vosso zelo, esforço, e brío.

Isto dizendo, os braços extendia
 Para Vianna: nelles recebia
 Logo a Francisco á quem recommendava
 O mesmo, e muitas vezes protestava,

Que do seu rei poria na presença
 Um tal serviço: ordena sem detença,
 Que partao desde logo: tem por dita
 Os dous vassallos, ver, que os acredita,
 O conceito do heróe, as mãos lhe beijão,
 E o desterro politico desejão
 Cumprir mais, que por força, por vontade.

Aos deus religiosos persuade,
 Quão longe vão marchando; e dem as costas
 A' torpe hypocrisia, que dispostas
 Tinha em vão as idéas do attentado.
 A rebeldia ao centro tem baixado.
 Cheio de fúrias mil vomita fogo
 O interesse que o guia, e arrasta logo
 O falso engano, e a traição malvada,
 Que vem tanta fadiga mal lograda.

Fim do nono Canto.

(1) Algumas circumstancias da sua fortuna obrigáráo o A. a servir-se neste lugar dos versos de Camoens nos Luziad. cant. 8. est. 81.

E ainda, Musas minhas, não bastava.

(2) *De Piloens, de Goyazes.* Todos estes districtos, que hoje estão repartidos em differentes capitánias se comprehenderao por alguns annos debaixo do governo do exm.^o conde de Bobadella, Gomes Freiré de Andrada.

(3) *Ja do pardo Uruguay.* Toca-se neste verso a diligencia de commissão, á que foi mandado para as distancias das Missoens.

(4) *Este alimpa os sertoes.* Expedição, que fez o exm.^o conde actual de Bobadella sobre o grande numero de negros aquilombados no Campo Grande, de que foi commandante Bartholomeu Bueno.

(5) *Este caminha.* Viagem dilatada, e asperrima por mais de 400 legoas em visita da capitania sobre a costa de S. Paulo, que acompanhou o A. servindo de secretario do governo das Minas.

(6) *Vem o Tapaya.* Conquista dos gentios, que se estendem por estes districtos, onde hoje por beneficio do exm.^o conde de Valladares se achão domesticos muitos indios com a igreja, e parecho, que lhe administra Sacramentos.

(7) *Desta arvore.* Metamorphose de balsamo, arvore, que se produz em muita abundancia nas conquistas do Brasil, e com especialidade em todas as partes das Minas, com muito pouca estimacão dos seus habitadores.

(8) *Paruceve* é propriamente o nome, que dão os indios á similhautes festejos.

(9) Artificio, de que usão os indios, tanto para colhe-rem a caça, como nas occasioens de guerra: Veja-se Don Alonso de Ercilla na sua Araucana, p. 1.ª cant. 1.ª : chamão se vulgarmente fôjos.



Canto décimo.

De Flegón, e Piróis as redeas de ouro
 Balia o sol, e com feliz agouro
 Em giros onze ao luzitano fasto
 Sobre mil sete centos, que tem gasto
 Pelo eclitico cereo em fim trazia
 O mez, que Roma do seu Julio fia.

Eis que Albuquerque adiantando o passo
 Da margem, que deixára, em breve espaço
 Pisava as faldas do Itamonte: estava
 Co's olhos fitos o gigante, e dava
 Vivos signaes de uma alegria interna
 Certo, que de sens braços ja governa
 Tão grande parte a direcção prudente
 Do magnanimo heróe, elle impaciente
 Na dilacão de vêr a villa erguida,
 Conta-se, (nem do caso se duvida)
 Que assim fallára, quando o vio diante:

O' tu por tantos riscos triumphante,
 Albuquerque feliz, pois que a fortuna
 Te conduzio com maxima opporluna
 A' registrar de perto os meus dominios;
 Pois que cortados os fates designios
 Do conjurado bando, alegre pisas
 Este verde paiz onde eternisas
 Em gloriosos feitos o teu nome,
 Deixa que em teu obsequio a empresa tome
 De ir ja desentranhando do meu seio
 Os marmores mais finos: nisto veio (1)
 Palando desde o centro um padrão liso
 Da mais solida maça; eu ja diviso
 Nelle entalhadas do sinzel agudo
 As regias armas; tanto ao destro estudo
 De Praxiteles não devera a idade;
 Sobre a quadrada base á eternidade
 Se recommenda a estampa ao alto erguida
 Sobre a columna, a ponta está partida
 De um afilado allange; assim denota,
 Que os crimes ameaça, e o sangue esgota
 Dos que entregues á perfida maldade
 Desconhecem as leis da humanidade.

Este padrão (2) no meio se colloça

Da régia praça, quasi os Ceos provoca
Soberba torre, (3) em que demarca o dia
Volavel ponto, e o sol ao centro guia.

Do ferreo páo ja sobe, e ja se estende
Magnifico edificio (4) onde pretende
A deosa da justiça honrar o assento;
Aqui das penas no fatal tormento
A liberdade prende ao delinquente,
E arrastando a miserima corrente
Em um só ponto de equilibrio alcança
Todo o fiel da solida balança.

Da sala superior tecto dourado
Ja se destina ao publico senado,
Que o governo economico dispensa.

Lavra artifice destro sem detensa
Os marmores cavados; e de polidas,
E altas paredes ja se vem erguidas
As magestosas salas, que recolhem
Regios ministros, que os tributos colhem,
E em respectivos tribunaes decentes
Dão as próvidas leis: talvez presentes
Tem Itamonte ja no claro auspicio
De um, e outro magnifico edificio
As que espera lavar liquidas fontes, (5)
Que vomitao delphins, e regias pontes,
Que se hão-de sustentar sobre a firmesa
De grossos arcos: da maior riqueza
Presentes tem talvez os sanctuarios, (6)
Em que se hão-de esgotar tantos erarios:
Onde Roma hade vêr em gloria rara,
Que debaldo aos seus templos disputara
A grandesa, o valor, e a preeminencia.

Trajando as galas da maior decencia
Nos paços do senado o heróe entrava.
Da cor da Tyria purpura talhava
A farda militar, cinge lhe o lado
A rica espada, que ja tem provado
Mil vezes o furor do irado Marte;
E a mão que os prémios liberal reparte,
E dispoem os castigos, ja sustenta
O castão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadroens formados,
Monta a cavallaria, e cinge os lades;

O centro occupa a infantaria: tudo
 Respira da grandesa um novô estudo.
 Brilha o acciaio, e a ostentação; a idéa
 Crê, que dos Ceos na vista se récrea,
 Vendo nos recainados fios de ouro
 Que o sol retrata alli o seu thesouro.

Desta arte entrando vai na regia sala,
 Senta-se; méde á todos, e assim falla:
 Felizes vós, feliz tambem en devo
 Chamar-me neste dia; pois que escrevo
 Com letras de ouro o meu, e o nome vosso.
 Entre as victorias, e entre as palmas posso
 Seguro descansar: em fim cahida
 Vejo de todo a rebeldia erguida;
 E vassalos de um rei, que mais vos ama,
 Buscaes acreditar a vossa fama
 Com o dote immortal, que a nação presa
 De uma fidelidade portugueza.
 De meus antecessores longe o susto,
 Gose-se a doce paz, e um trato justo
 De amizade, e de fé de hoje em diante
 Acabe de apagar o delirante
 Fanatico discurso que inda excita
 De algum vassallo a dor; não se limita
 O regio braço: á todos se dilata,
 A todos favorece, acolhe; e trata,
 Sem outra distincção mais, do que aquella,
 Que demanda a virtude illustre e bella.

Disse; e solemnisando a acção, procura
 Se lavre logo a solida escriptura,
 Onde o foral da villa se estabelece.

Em tanto o patrio genio lhe offerece
 Por mão de destro artifice pintadas
 Nas paredes as ferteis dilatadas
 Mentanhas do paiz, e aqui lhe pinta
 Por ordem natural, clara e distincta
 A diferente forma do trabalho,
 Com que o sabio mineiro entre o cascalho
 Busca o loiro metal; e com que passa
 Logo a purifica lo sobre a escassa
 Taboa, ou canal do liso budinette;
 Com que entre a negra arêa ao depois mette
 Todo o extrahido pó nos ligneos vasos,
 (Que uns mais concavos são, outros mais rasos)

E aos golpes d'agoa da materia estranha
 O separa, e divide; alta façanha
 De agudo engenho a machina apparece,
 Que desde a summa altura ao centro desce
 Da profunda catta, e as agoas chupa. (7)

Vê se outro mineiro, que se occupa
 Em penetrar por mina o duro monto
 Ao rumo obliquo, ou recto; tem defronte
 Da gruta, que abre a terra, que extrahira;
 Os lagrimaes das agoas, que retira
 Ao tanque artificioso logo solta; (8)
 Trazida a terra entre a corrente envolta
 Baixa ás grades de ferro; alli parados
 Os grossos esmeris são depurados,
 Deixando ao dono em premio da fadiga
 Os bons thesouros da fortuna amiga.

Por entre serras est'outro vai buscando
 As betas de ouro; aquelle vai trepando
 Pelo escabroso monte, e as agoas guia
 Pelos canoas, que lhe abre a pedra fria.
 Não menos mostra o genio a agricultura
 Tão rara do paiz, aonde a dura
 Força dos bois não geme ao grave arado;
 Só do bom lavrador o braço armado
 Derriba os mattos, e se atêa logo
 Sobre a secca materia o ardente fogo.

Da mole producção da canna loira
 Verdeja algum terreno, entre se doira;
 O lavrador a corta e lhe prepara
 As ligeiras moendas; alli pára
 O esprimido licor nos fundos crebres;
 Tu, ardente fomalha, me descobres,
 Como em braços torroens é ja tornado
 A' estímulos do fogo o mel coalhado. (9)

O arbusto está, que o vício tem subido
 A' inestimavel preço, reduzido
 A' pó subtil o tallo, e a folha inteira.
 Não mecos brota a oriental figueira (10)
 Com as crescidas folhas, e co' fructo,
 Que inda nos lembra o misero tributo,
 Que pagão noeses paiz, que ja tiveram
 A morada de Eden, e não poderão
 Guardar por muito tempo a lei imposta

(O' natureza ao Creator opposta!)

Os passaros se vem de especie rara,
Que o Ceo de lindas cores emplumára,
As fêras e animaes mais exquisitos
Todos na alegre mappa estao descriptos; (11)
Os olhos deleitando, e entretendo
O heróe, que facilmente está crendo,
Ao vêr, que deâtra mão dae-lhes procura
A vida, que lhes falta na pintura.

Mas ja lavrado estava, e ja firmado
O termo, que oscrevera o bom Pegado; (12)
Quando mais que a eleição podendo o acaso;
Manda o heróe que se extraião d'entre um vaso
Os nomes dos primeiros, a quem toca
Reger a vara que a justiça invoca.
A' ti, te chama a sorte, ó grande Mello,
E tu, Fonseca, em nobre parallello
Cedes nos annos teus a precedência,
Da que contempas provida influencia;
Seguem-se áquelles dous um Figueiredo,
Um Gusmão, um Faria; e te concedo
Que sejas tu, Almeida, o que completes
O numero na acção, em que competes.

Ancioso o povo ás portas esperava
Pela alegre noticia, e ja clamava;
Viva o senado: viva, repetia
Hiamonte, que ao longe o echo ouvia.

Em fim serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas memorias fica.
Terás a gloria de ter dado o berço
A quem te faz girar pelo Universo.

Fim do decimo Canto.

(1) *Nisto visto.* Deste penhasco se tira a pedra dos edificios da villa.

(2) *Este padrão.* Peloirinho.

(3) *Soberba torre.* Torre do relógio.

(4) *Magnifico edificio.* A cadeia: todas estas obras são de aviltada grandesa, e constituem a formosura, e magnificência da villa.

(5) *Líquidas fontes, e régias pontes.* Tem a villa um grande numero de fontes e chafarizes de marmore, e três pontes principaes de igual artificio.

(6) *Sanctuarios.* A villa se divide em duas freguezias, a de Antonio Dias com a invocação da Senhora da Conceição: a de Ouro-preto com a invocação do Pillar: ambos os deus templos são preciosos.

(7) N'esta descripção dá o author a conhecer a formalidade, com que trabalham os mineiros, que se servem do artificio da roda nas suas cattas, ou lavras, vulgarmente chamadas de talho aberto, que se praticão nos rios, e suas margens. Quem quizer mais individual noticia d'esta materia, leia a historia de Sebastião de Pitta Rocha, que tudo explica.

(8) Descripção dos sertões, que se fazem nas serras, e morros para se extrahir o ouro; despendendo se gros-simo cabedal para se degradarem, e se conduzirem de muitas distancias as agoas.

(9) Descripção da planta da canna, dos engenhos, em que se fabrica o assucar, e da herva, de que se faz o tabaco: veja-se o citado Pitta.

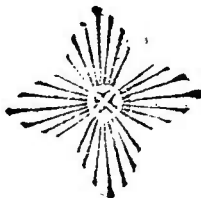
(10) Sobre o texto do Genesis—*Consuerunt folia ficus*— não tem faltado opinioens, que sustentao ter sido a banana a arvore, que soccorreo com a grandeza das suas folhas á nudez dos nossos primeiros pais.

(11) O author se serve desta opiniação, e applica neste lugar uma passagem de Milton no seu Paraizo Perdido no livro, ou cant. 10 *Ils y choisirent le figier; non cette espèce renommée pour le fruit, mais celle autre que connoissent encore aujourd'hui les Orientaux en Malabar, ou Decan. Ses rameaux courbés prennent, dit-on, racine en terre; et croissant á l'ombre de la principale tige, comme des filles, que se rasemblent autour, etc.*

(12) Aos 28 dias do mez de julho de 1711 fez o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho uma junta no arraial do Ouro-preto para se evigilar nelle Villa Rica. Servia de secretario Manoel Regado, de quem se tem feito menção em varias partes: no mesmo dia se elegerão os vereadores, e juizes; e sahíao eleitos á mais votos por juiz mais velho o coronel José Gênes de Mello;

juiz mais moço Fernando da Fonseca e Sá; vereador mais velho Manoel de Figueiredo Mascarenhas; segundo vereador Felis de Gusmão e Mendonça; terceiro Antonio de Faria Pimentel; procurador o capitão Manoel de Almeida Costa.

No dia 9 tomáram posse: tudo consta do registo no livro dos termos do governo, que se acha na secretaria das Minas Geraes desde o dia 7 de julho de 1710, paginas 21 e 22.



Aos primeiros quatro cantos do Poëma da fundação da capital das Minas, e suas extensões, que protende dar á luz o Sr. Dr. Claudio Manoel da Costa.

SONETO.

Ao lér o assumpto, que animára a empresa
Desse enredo feliz, da urna fora
Ergue a cabeça, oh ribeirão; e adora
Do immortal Albuquerque a fortaleza.

Ouve, abaixando os olhos, a nobreza
Do bom Garcia, e o seu destino chora,
E ao passo, que o suppoem co' a bella Aurora,
Vê, que della amor faz á Argaço preza.

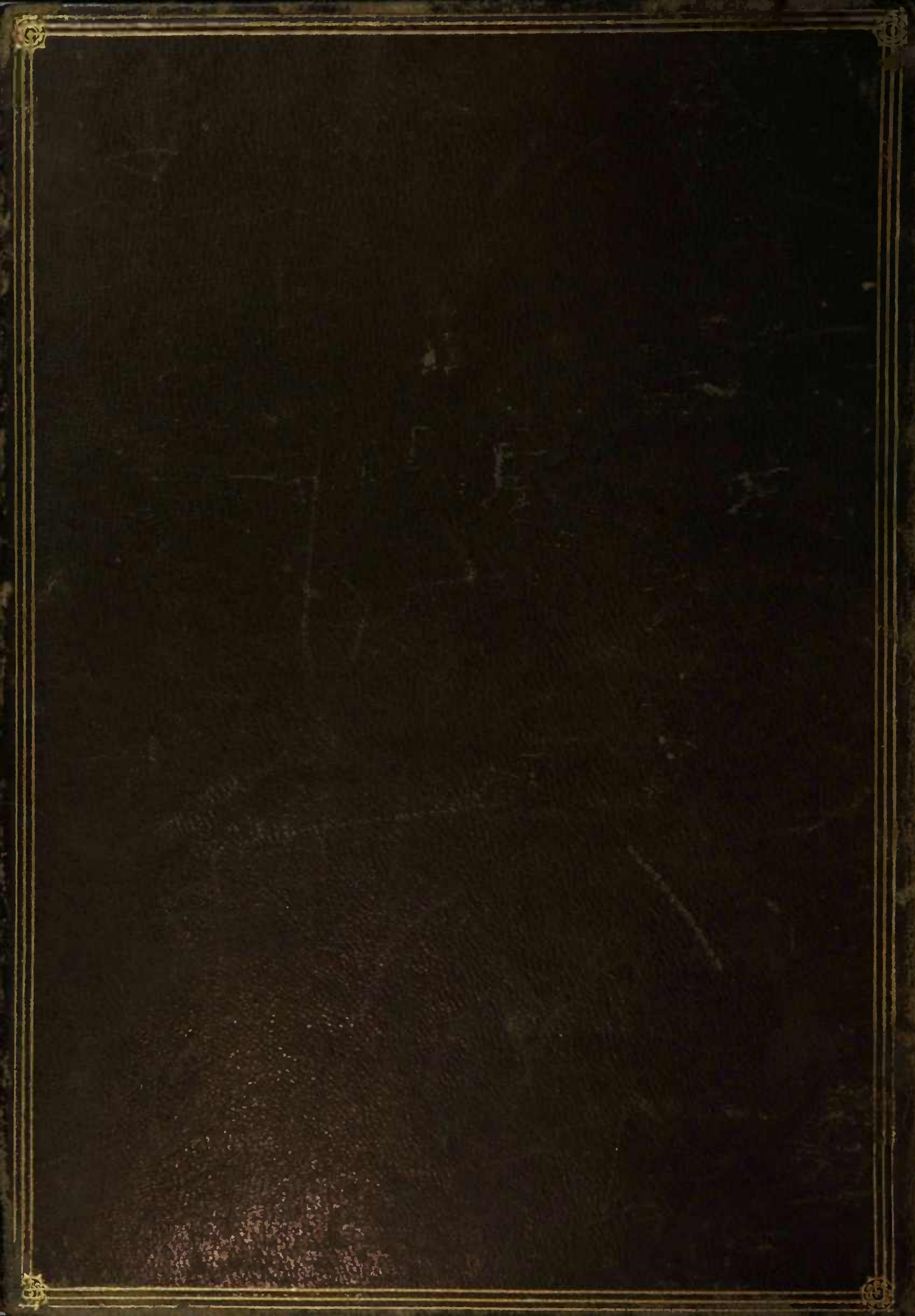
Aqui ficou um pouco pesaroso,
Mas vendo o bravo Sucuriú, de medo
A testa esconde, e foge impetuoso.

Ah! faze tu, Senhor, faze, que cedo
Concluiado o Poëma magestoso
Oça o teu patrio rio o fim do enredo.

De José Maria Francisco de Azeis.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).